

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO (ICHI)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA,  
PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

# PPGH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA

O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DO PATRIMÔNIO LOCAL:  
UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA ALUNOS COM AUTISMO

DULCE BEATRIZ SILVA DE ARVELLOS



RIO GRANDE  
2019

**DULCE BEATRIZ SILVA DE ARVELLOS**

**O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DO PATRIMÔNIO LOCAL:  
UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA ALUNOS COM AUTISMO**

Trabalho apresentado como requisito parcial/final para aprovação no Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, Pesquisa e Vivências de Ensino-Aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação do professor Dr. DANIEL PRADO.

**RIO GRANDE  
2019**

## Ficha catalográfica

A795e Arvellos, Dulce Beatriz Silva de.  
O ensino de história através do patrimônio local : uma proposta pedagógica para alunos com autismo / Dulce Beatriz Silva de Arvellos. – 2019.  
136 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS, 2019.  
Orientador: Dr. Daniel Porciuncula Prado.

1. Ensino de história 2. Patrimônio local 3. Autismo 4. Inclusão I. Prado, Daniel Porciuncula II. Título.

CDU 376.3:93

## RESUMO

Este trabalho aborda o ensino de história para alunos e alunas com autismo, levantando questões referentes a inclusão em espaços culturais e despertando o interesse pela História, além da inclusão social. O capítulo 1 intitulado “Autismo: o que é, definição e características”, pretende definir e caracterizar o autismo, enfatizando como foi visto há tempos atrás e como é definido atualmente. Neste teremos também um breve histórico sobre a escola especial onde o projeto foi desenvolvido, abordando características da mesma e o programa utilizado para trabalhar com este público. O capítulo 2 nomeado “O Ensino de História e a importância do patrimônio local” aborda o ensino de história propriamente dito enfatizando o quão importante se constitui o patrimônio local, mostrando a necessidade da preservação e valorização dos bens culturais. O capítulo 3 designado “A inclusão de alunos com autismo em espaços culturais” trata da inclusão desses, levando-os a se sentirem pertencentes aos espaços visitados. Neste capítulo, também serão registradas as saídas pedagógicas/visitas aos espaços estudados, por meio de apontamentos, enfatizando a história de cada lugar e a importância que estes possuem para a cidade. Ainda abordaremos sobre o material produzido para auxiliar na realização do trabalho: uma cartilha, criada para facilitar aos alunos e às alunas da escola especial o entendimento dos locais onde foram realizadas as visitas enfatizando alguns dos comportamentos esperados em cada um dos lugares, tornando as saídas mais previsíveis e evitando que se desorganizem e apresentem comportamentos inadequados. Aqui também mostraremos as atividades pedagógicas produzidas para reforçar a imagem e o nome dos espaços visitados. Buscando outras formas de inclusão, criamos também uma cartilha em Braille, para proporcionar aos alunos e alunas cegos conhecer mais da história da cidade, podendo a partir das informações contidas na cartilha, realizar visitas aos espaços culturais. Na conclusão do trabalho serão retomados alguns aspectos relatados durante a pesquisa, buscando o referencial teórico específico, que aponta a importância e necessidade da inclusão dos alunos e alunas com autismo nos espaços sociais/culturais para seu desenvolvimento e crescimento, pois ao se proporcionar a eles a socialização, percebe-se melhora na comunicação e desenvolvimento na aprendizagem, além de fortalecer sua identidade como sujeitos individuais e como sujeitos históricos.

Palavras-chave: ensino de história - patrimônio local - autismo - inclusão

## RESUMEN

Este trabajo aborda la historia de la educación para estudiantes con autismo plantea preguntas con respecto a la inclusión en espacios culturales y despertar interés en la historia, así como inclusión social. Capítulo 1 titulado "autismo: Cuál es la definición y características", busca definir y caracterizar autismo, haciendo hincapié en cómo fue visto hace mucho tiempo y como se define en la actualidad. Esto tendrá también una breve historia sobre la escuela especial donde se desarrolló el proyecto, que cubre las mismas funciones y el programa utilizado para trabajar con esta audiencia. Capítulo 2 llamado "la enseñanza de la historia" y la importancia del patrimonio local se cubre la enseñanza de la historia haciendo hincapié en lo importante que es el patrimonio, mostrando la necesidad de la preservación y mejora de los bienes culturales. Capítulo 3 "la inclusión de estudiantes con autismo en espacios culturales" aborda la inclusión de estos, provocando que se sientan que pertenecen a los espacios. En este capítulo, será también ser registradas salidas/visitas didácticas para el estudio de espacios, a través de notas, haciendo hincapié en la historia de cada lugar y la importancia que tienen para la ciudad. Aún vamos a discutir sobre el material producido para ayudar en la realización de la obra: una cartilla diseñada para facilitar a los estudiantes de escuela especial comprensión de los lugares donde los visitantes destacando algunos de los comportamientos esperados en cada uno de los lugares, haciendo más previsibles salidas y evitar comportamiento inadecuado saturan e informe. Aquí también muestran actividades educativas para fortalecer la imagen y el nombre de los espacios. Buscando otras formas de inclusión, creamos también una guía en Braille, para proporcionar a los estudiantes ciegos aprenden más de la historia de la ciudad y de la información contenida en el folleto, hacer visitas a espacios culturales. Al finalizar el trabajo se reanuda algunos aspectos durante la búsqueda, buscando la teórica específica, señalando la importancia y necesidad de la inclusión de estudiantes con autismo en los espacios sociales y culturales para su desarrollo y crecimiento, porque cuando usted darles socialización, mejora en la comunicación y el desarrollo en el aprendizaje, además al fortalecimiento de su identidad como sujetos individuales y como sujetos históricos.

Palabras clave: enseñanza de historia - patrimonio local - autismo - inclusión

## LISTA DE ABREVIATURAS

**AEE** ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

**AMAR** ASSOCIAÇÃO DOS PAIS E AMIGOS DOS AUTISTAS

**APAE** ASSOCIAÇÃO DOS PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

**DSM-5** MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS

**DTG** DEPARTAMENTO DE TRADIÇÃO GAÚCHA

**LDB** LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO

**PCNs** PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

**SMEd** SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO

**TEA** TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

**TEACCH** TRATAMENTO E EDUCAÇÃO PARA AUTISTAS E CRIANÇAS COM DÉFICTS RELACIONADOS À COMUNICAÇÃO

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Daniel Porciuncula Prado – FURG**

**(Orientador)**

**Profª Drª Adriana K. Senna – FURG**

**(Avaliadora)**

**Prof. Dr. Obirajara Rodrigues – FURG**

**(Avaliador)**

**Profª Drª Rita de Cássia Morem Cássio Rodriguez – UFPel**

**(Avaliadora)**

**Profª Drª Carmem G. Burgert Schiavon – FURG**

**(Suplente)**

**“Quem me dera, ao menos uma vez  
explicar o que ninguém  
consegue entender”**

**RENATO RUSSO**



## **DEDICATÓRIA**

**Ao meu esposo, meus filhos Raul  
e Rodrigo, e minha neta Yasmin,  
pessoas que mais amo neste  
mundo, e que me motivam a  
acreditar.**

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, acima de todas as coisas, pela vida.

Ao meu esposo pelo incentivo e apoio em todos os momentos.

Aos meus filhos Raul e Rodrigo, e também a minha neta Yasmin, pela compreensão e paciência nos momentos em que precisei me afastar para mergulhar nos estudos.

Ao meu orientador Daniel Prado, pelo estímulo e pelas valiosas orientações e indicações de leitura.

Importante também agradecer a banca pelas intervenções feitas durante qualificação, para assim realizarmos as alterações/correções necessárias.

Aos colegas de curso, pelo companheirismo e parceria na realização de cada trabalho.

A uma professora muito especial que me inspirou, ainda na faculdade, a acreditar que é possível, me mostrou que todas as pessoas são especiais, e que devemos respeitar cada um do jeito que é. A professora Maria Mirta Calhava, minha inspiração em seguir o caminho da educação especial.

As minhas parceiras de trabalho na escola especial nestes dois anos, Maria Aparecida Costa, Andréa Rossetini, Danubia Teixeira e Elizângela Rodrigues, por mergulharem comigo nos projetos. E não poderia deixar de mencionar as amigas Leatris, Bárbara, Maria Carolina e Luciana Teixeira, que me incentivaram a continuar quando os obstáculos surgiam durante o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço também à Direção e Equipe Pedagógica da Escola onde trabalho, que me proporcionaram ferramentas para desenvolver ainda mais o meu projeto, além de estabelecer parcerias com a Universidade, possibilitando a troca de experiências e elaboração de estratégias e metodologias concretas. Em especial a coordenadora pedagógica Clara Mendonça, quem me sugeriu colocar na cartilha os comportamentos/conduas adequadas que os alunos e alunas deveriam apresentar na visitação de cada lugar.

Importante agradecer a participação dos alunos no trabalho desenvolvido, pois sem eles nada disso seria possível; foi uma intensa troca de vivências e experiências, momentos de interação e muitas emoções vividas durante cada atividade realizada.

Quero também registrar a participação da Escola de Educação Especial José Álvares de Azevedo, em especial a Diretora Glaucia Pinho e as responsáveis pela produção da cartilha em Braille, Leda Inocencia Telles Pfarrius e Rosangela da Silveira Fossati, que acolheram com carinho o nosso pedido, assim como pretendem dar continuidade ao trabalho sobre a História do Rio Grande, nos convidando a fazer uma oficina com os alunos e alunas sobre a temática.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. AUTISMO: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS.....</b>	<b>21</b>
1.1 Um olhar para o passado.....	31
1.2 O autismo nos dias atuais.....	32
1.3 Sobre a escola especial.....	36
<b>2. O ENSINO DE HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO LOCAL.....</b>	<b>42</b>
<b>3. A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO EM ESPAÇOS CULTURAIS.....</b>	<b>50</b>
3.1 Relato das experiências.....	53
3.2 Os produtos produzidos para auxiliar na realização do trabalho: uma cartilha para alunos com autismo e uma cartilha em Braille.....	62
3.3 Atividades pedagógicas produzidas envolvendo o patrimônio cultural.....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXOS - Fotos que ilustram os materiais e espaços usados para o desenvolvimento das atividades.....</b>	<b>75</b>
<b>CARTA DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>136</b>
<b>AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM.....</b>	<b>137</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é instigado fundamentalmente pela minha prática enquanto professora de crianças com autismo, onde percebo a necessidade em despertar o interesse pelo lugar onde vivem, observando o que está ao seu redor, em sua cidade, lugares que são divulgados pelo Sul e pelo Brasil e que muitas vezes, nós que estamos tão perto, não reparamos a beleza e a história de cada um. É importante também proporcionar aos alunos e alunas passeios e saídas pedagógicas, já que geralmente seguem rotinas diárias na escola, tendo atividades dirigidas com oficinas (professoras que trabalham determinadas áreas, como: artes, música, ginástica, hora do conto, brinquedoteca, informática) e com as professoras de sala de aula. Quando não estão na escola tendem a ficar em casa, por vezes ociosos, já que realizar saídas nem sempre é acessível, muitas vezes exige paciência e tolerância, pois pessoas com autismo têm interesse restrito e em alguns momentos podem apresentar comportamentos inadequados em locais públicos, causando desconforto ou constrangimento às pessoas ao seu redor.

A cidade do Rio Grande tem locais que contam muito da nossa história, portanto de uma forma prazerosa, é possível aprendermos história e fazer assim com que o(a) aluno(a) valorize a cultura local.

Com este trabalho propomos práticas pedagógicas que levem à valorização da cultura local na qual a escola está inserida; pretendemos criar ações específicas para integrar as demais turmas na proposta; assim como promover espaços de compartilhamento de práticas entre professores, fortalecendo vínculos e estimulando a troca entre pares; facilitando o acesso dos professores a cartilha da Cidade do Rio Grande e aos materiais pedagógicos confeccionados sobre o tema, que podem contribuir para a construção de práticas diferenciadas para o ensino de História.

Temos ainda como objetivo motivar os alunos a participar de passeios/visitações/saídas pedagógicas com conduta adequada e registrar os momentos vividos por meio de fotos, para posterior exposição na escola; promovendo assim vivências e contribuindo para o desenvolvimento social, cognitivo, afetivo, das pessoas com TEA; assim como desenvolver práticas

pedagógicas diversificadas, que considerem o perfil, o ritmo e as especificidades de cada estudante, permitindo o aprendizado e o acompanhamento mais personalizado de cada aluno.

Estudar o município é importante, na medida em que o(a) aluno(a) desenvolve o senso crítico e a responsabilidade pelo lugar onde vive. Pretendemos então, trabalhar a história local pelo viés do patrimônio, visto que o patrimônio é o conjunto de bens material e imaterial<sup>1</sup> que recontam a história de um povo. Sendo assim, a história local pode ser considerada como um instrumento de preservação patrimonial de um determinado lugar, um meio para desenvolver a identidade individual e coletiva, bem como, pode ser utilizada como um instrumento pedagógico eficiente nos processos de ensino e aprendizagem. Para a realização do projeto realizaremos pesquisas sobre os lugares na internet, em jornais, folders; observaremos imagens de cartões postais; assistiremos vídeos; exploraremos as imagens e/ou informações da cartilha, e principalmente realizaremos as saídas pedagógicas/passeios, onde os alunos e alunas poderão interagir com outras pessoas, participando ativamente da sociedade e observando as riquezas da nossa cidade, e assim tornarem-se cidadãos atuantes.

O projeto foi realizado no período de dois anos letivos. Começando com uma pesquisa sobre os espaços a serem visitados; importante também arrolamento de bibliografia referente a temática, buscando materiais já publicados, principalmente livros e artigos; assim como um levantamento acerca dos locais a serem trabalhados observando os horários de atendimento/visitação. Importante também o uso da metodologia da Educação Patrimonial no processo, tendo em vista que perpassa pelos procedimentos de identificação, percepção e valorização do Patrimônio Cultural, sendo este o ponto inicial para o ensino de História. O trabalho foi desenvolvido por meio de busca de informações sobre os lugares e espaços a serem trabalhados, pesquisas realizadas pelos (as) alunos(as) nas oficinas de

---

<sup>1</sup> De acordo com o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

informática; passeios/visitas/saídas pedagógicas em espaços culturais da cidade do Rio Grande.

O ensino da História local apresenta-se como o ponto inicial para a aprendizagem histórica, pois trabalha as relações sociais que se estabelecem entre professor, aluno, sociedade e o meio em que vivem e atuam. Assim, a história local traz uma nova possibilidade para o ensino da História, onde valoriza a historicidade das pessoas comuns. Trazendo acontecimentos, personagens e lugares comuns ao estudante, permitimos a sua aproximação com a disciplina e fazemos com que se perceba uma relação dialética entre o que aconteceu no passado e aquilo que estamos vivendo no presente. Para Guimarães (2012):

Ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, a meu ver, fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no meio em que vivem como cidadãos críticos. (GUIMARÃES, 2012, p. 240).

Segundo Cesar (2016, p. 514): “A história de Rio Grande é atraente e bela em seu estado natural”. Saber sobre a história de um povo, de um lugar, significa buscar e conservar a tradição para que possamos passar às novas gerações as vivências e as memórias vividas. Estudar sobre o nosso município, espaços que existem, artistas e cultura local é bastante significativa, frequentar museus possibilita situações pedagógicas privilegiadas, pois é importante que esta forma de arte seja apresentada para o público em geral de uma forma democrática. Bittencourt (2018, p. 286) coloca que “[...] o potencial educativo dos museus tem proporcionado práticas educativas diversas”. A autora refere-se ao museu como um lugar de memória. Bittencourt (2018) comenta sobre os museus, dizendo que:

Especialistas da área destacam a importância de esclarecer os alunos sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, sendo fundamental, nessa iniciativa, mostrar que tipos de objetos são ali preservados e expostos, a fim de oferecer uma compreensão do que seja “uma peça de museu”. (BITTENCOURT, 2018, p. 287).

Guimarães (2012) vê os museus como espaços culturais, a autora descreve:

Os museus são frequentemente lembrados como “locais”, “espaços culturais” que cuidam da preservação da memória dos povos. Os museus, grandes ou pequenos, constituem

importantes espaços de aprendizagem, contribuindo significativamente para o conhecimento, o respeito e a valorização do patrimônio sócio-histórico e cultural dos povos. (GUIMARÃES, 2012, p. 382-383).

O museu é um espaço importante a se considerar pois constitui um valioso repositório de história e de cultura a serviço da comunidade; sendo portanto um grande aliado no ensino de história, “[...] tendo em vista seu importante papel de preservar e pesquisar acervos preciosos de objetos tornados raros, antigos, escassos, frágeis, fora de uso cotidiano”. (GUIMARÃES, 2012, p. 382). Porém, cabe ressaltar que a educação patrimonial não se restringe a disciplina de história. “Trata-se de um trabalho educativo multidisciplinar” (GUIMARÃES, 2012, p. 394).

Quando pretendemos visitar museus ou outros espaços, precisamos definir quais os objetivos da visita, preparar os alunos para a ida e organizar atividades para o retorno em sala de aula, para assim avaliar o processo que envolveu a atividade e aperfeiçoar o planejamento de saídas futuras. Em especial, com alunos com autismo, devemos possibilitar materiais como fotos e imagens para que possam ter uma previsibilidade do lugar onde irão. Uma das regras mais importantes a tratar com os alunos é a questão do cuidado com as peças dos museus, pois não podemos tocar nos materiais, apenas ver, e isto é bastante complicado para crianças em geral.

Entretanto, cabe ressaltar que pessoas com autismo têm a necessidade de visualizar o que lhes é ensinado, diante de sua dificuldade com abstrações. É importante para os autistas, vivenciarem o momento, sentirem, poderem visualizar e tocar, só assim perceberão aquilo que estamos falando. Autistas têm dificuldades para entender abstrações, suposições ou ironias.

Silva (2012) afirma que:

Sua forma concreta de ver o mundo impede essas crianças de identificarem sutilezas e questões subentendidas de um discurso. É muito comum elas perguntarem “o que ele quer dizer com isso?” ou não entenderem uma piada. Não inferem a intencionalidade de ironias e brincadeiras, nem as falas com duplo sentido. (SILVA, 2012, p. 37-38).

Percebendo a necessidade de ver e sentir para os autistas, é que busca-se realizar atividades como saídas pedagógicas e visitas a lugares considerados históricos/espaços culturais da cidade, tudo previamente organizado. Autistas



precisam de previsibilidade, então cada saída deve ser sinalizada anteriormente, estabelecendo caminhos, de que forma iremos (a pé ou no transporte escolar), tempo de ida e volta e as atividades que serão realizadas no local ou posteriormente. Importante também realizar pesquisas antes dos passeios, para que tenham conhecimento prévio sobre o local a ser visitado, valorizando a cultura local, despertando o interesse no conhecimento e na preservação do Patrimônio Cultural. Propomos aos alunos e alunas saídas do espaço de sala de aula, valorizando uma aprendizagem a partir da observação de espaços públicos.

Cada ser é diferente e tem sua personalidade única, portanto seus sentimentos, capacidades, interesses, vontades e habilidades também são únicos. Isso evidencia a necessidade de se aceitar e reconhecer o indivíduo com sua maneira peculiar de ser. Autistas, em especial, tem mais dificuldades na socialização, na comunicação e mudanças de comportamento diante de determinadas situações. Portanto, devemos facilitar para eles mantendo-os conhecedores das atividades que serão realizadas, estabelecendo uma rotina diariamente. Silva (2012, p. 14) diz que “[...] não devemos nos deter nas suas dificuldades, mas sim viabilizar as potencialidades”.

Rio Grande possui uma série de lugares históricos que podem ser vivenciados, percebidos pelas pessoas, espaços estes que contam a história da cidade. É possível proporcionar aos alunos e alunas diversas saídas pedagógicas/visitas. Cada lugar tem suas peculiaridades e sua história, cabe aos estudantes observar e perceber a importância, e assim desenvolver a consciência de valorizar e preservar cada um. Quando o(a) aluno(a) se sente atuante, fazendo parte do meio, aprende a valorizar a cultura local e se apropria de novos saberes. Jaime Pinsky e Carla Pinsky (apud KARNAL, 2007, p. 21) afirmam que “[...] cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico, e isso só se consegue quando ele se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos”.

O estudo da história local tem sido apontado como necessário para o ensino, por possibilitar a compreensão do entorno do aluno. A LDB anterior direcionava o ensino de história de forma muito diferente da atual, as escolas ficavam à mercê de conteúdos impostos. Os professores trabalhavam os conteúdos de forma desvinculada da realidade dos alunos e alunas, causando desinteresse e caindo no esquecimento por não serem considerados importantes. A denominada história

tradicional de base positivista, que caracterizou por longo período o ensino de história no Brasil, foi alvo de várias críticas, sendo caracterizada como uma tradição baseada em modelos lineares, que abordavam os temas em sequências, ordenados cronologicamente, valorizavam os grandes fatos históricos e a biografia de pessoas ilustres. Para a nova legislação, o importante a ser trabalhado não é a acumulação dos conhecimentos, mas a aquisição de habilidades que permitam a reflexão, interpretação dos conhecimentos a fim de compreender o mundo que o cerca.

Guimarães (2012) comenta sobre o currículo de história, a autora diz que:

A História ocupa um lugar estratégico no currículo do ensino fundamental, pois, como conhecimento e prática social, pressupõe movimento, contradição, um processo permanente de (re)construção, um campo de lutas. Um currículo de História é sempre processo e produto de concepções, visões, interpretações, escolhas, de alguém ou de algum grupo em determinados lugares, tempos, circunstâncias. Assim, os conteúdos, os temas e os problemas de ensino de História [...] expressam opções, revelam tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e distanciamentos, enfim relações de poder. (GUIMARÃES, 2012, p.61).

Implantados a partir de 1997 pelos PCNs, os conteúdos de história passaram a ser organizados por eixos temáticos, desdobrados em subtemas. Guimarães (2012) conta que:

Para os quatro anos iniciais do ensino fundamental foi proposto o estudo de dois eixos temáticos: I) História local e do cotidiano, subdividida em dois subtemas: localidade e comunidades indígenas; II) História das organizações populacionais, subdividida em: deslocamentos populacionais, organizações e lutas de grupos sociais e étnicos, e organização histórica e temporal. (GUIMARÃES, 2012, p.62)

O documento estabeleceu como temas transversais: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo.

A forma como os conteúdos de História são trabalhados objetivam fazer com que o educando seja capaz de identificar-se dentro do grupo social, ter consciência de suas responsabilidades diante da sociedade, e a necessidade de conhecer a importância da memória para a humanidade. Precisamos fazer com que os alunos e alunas se apropriem do conhecimento histórico. Guimarães (2012) articula que:

O professor não é mais aquele que apresenta um monólogo para alunos ordeiros e passivos que, por sua vez, “decoram” o conteúdo. Ele tem o privilégio de mediar as relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações, e o conhecimento, pois as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos da nossa realidade sócio-histórica. As linguagens são constitutivas da memória social e coletiva. (GUIMARÃES, 2012, p. 259).

Schmidt (apud BITTENCOURT, 2010), quando fala sobre o papel do professor de História, afirma que:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas. (SCHMIDT apud BITTENCOURT, 2010, p. 57).

Somente identificando-se como sujeito histórico é que o indivíduo se torna capaz de atuar consciente e participar da transformação da sociedade. Aprender é estar completamente envolvido naquilo, é estar presente, atuante.

Trabalhando há mais de dez anos com este público, é visível o quão importante é realizar saídas pedagógicas/passeios, onde os alunos e alunas possam interagir com outras pessoas, participar ativamente da sociedade e observar as riquezas da nossa cidade, e assim tornarem-se cidadãos atuantes. Partindo de uma visita a lugares que mostram a nossa história, é possível desenvolver vários conteúdos, trabalhar em outras disciplinas e assim, motivar os alunos a valorizar a cultura local e demonstrar cuidado e respeito para com a cidade em que vivemos.

Trabalhar história é muito importante para o desenvolvimento e formação dos nossos alunos. Oriá (apud BITTENCOURT, 2010) considera que:

Compreender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse mesmo bem evoca, ou até não apreciemos sua forma arquitetônica ou seu valor histórico. O importante é que ele faz parte de um acervo cultural que deve ser preservado por toda a comunidade, pois é revelador e

referencial para a construção de nossa identidade histórico-cultural. (ORÍÁ apud BITTENCOURT, 2010, p.134)

Os professores devem cativar os alunos, despertando neles o interesse pela busca de conhecimento sobre a história do Rio Grande. Precisamos também, conscientizar as pessoas da necessidade de conservar e respeitar o patrimônio cultural e natural.

No primeiro capítulo, intitulado “Autismo: o que é, definição e características”, pretendo definir e caracterizar o autismo, enfatizando como foi visto há tempos atrás e como é definido atualmente. Abordarei também sobre a escola especial, propondo um breve histórico sobre a escola onde o trabalho foi realizado, caracterizando o local e abordando sobre as atividades desenvolvidas e sobre o programa TEACCH utilizado com os alunos e alunas com TEA; o segundo capítulo, denominado “O Ensino de História e a importância do patrimônio local” tratará sobre o ensino propriamente dito enfatizando a necessidade de cuidado e valorização do patrimônio local, ressaltando questões como pertencimento aos espaços culturais e sociais; o terceiro capítulo – “A inclusão de alunos com autismo em espaços culturais”, trata da questão da inclusão em espaços culturais de alunos(as) com autismo, enfatizando sua conduta ao frequentar os ambientes. Neste capítulo teremos o relato das experiências realizadas com estes(as) alunos(as), e o produto produzido para auxiliar alunos e alunas com autismo: uma cartilha contendo fotos, características do local e comportamentos adequados para frequentar tais espaços, já que pessoas com TEA necessitam de suporte visual para melhor compreender ordens e informações. Atentos a outras formas de inclusão, buscamos parceria com a Escola José Álvares de Azevedo para a criação de uma cartilha em Braille, para assim atender um outro tipo de público, possibilitando aos alunos cegos poderem utilizar deste recurso para conhecer a história da cidade. Ainda neste capítulo mostraremos os materiais pedagógicos produzidos para facilitar a compreensão sobre cada espaço visitado, e por final, as considerações acerca dos assuntos tratados. Segue em anexo, dentre outros, a cartilha criada para facilitar o entendimento e compreensão dos alunos e alunas com autismo.

Então, considerando importante trabalhar com estes alunos e alunas sobre a história da cidade do Rio Grande, realizamos visitas a locais que contam a história e registramos por meio de fotos cada momento e local.

## 1. AUTISMO: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

O autismo é uma síndrome caracterizada por deficiência em se comunicar, comportamento repetitivo, tendência a isolamento e em manipular pequenos objetos; descrição feita por Kanner em 1943. Este distúrbio do desenvolvimento surge nos três primeiros anos de vida da criança, sendo que a maioria apresenta alterações sutis desde os primeiros meses relacionados com choro excessivo ou bebês passivos demais; aversão ao contato quando é carregado ou tocado pelas pessoas, preferindo ficar em um carrinho ou na cama; desvio do olhar da mãe ou de outros, preferência em permanecer sozinho. De acordo com o DSM-5, são fatores de risco e prognóstico, fatores:

Ambientais: uma gama de fatores de risco inespecíficos, como idade parental avançada, baixo peso ao nascer ou exposição fetal a ácido valproico, pode contribuir para o risco de transtorno do espectro autista. Genéticos e fisiológicos: estimativas de herdabilidade para o transtorno do espectro autista variam de 37% até mais de 90%, com base em taxas de concordância entre gêmeos. Atualmente, até 15% dos casos de transtorno do espectro autista parecem estar associados a uma mutação genética conhecida, com diferentes variações no número de cópias *de novo* ou mutações *de novo* em genes específicos associados ao transtorno em diferentes famílias. (DSM-5, 2014, p.57)

Muitas são as características que levam ao diagnóstico do autismo. Algumas, até são vistas em crianças consideradas neurotípicas, porém em determinado tempo cessam estes comportamentos, já no autista tendem a continuar.

Rotta et al. (2006) descreve desta forma:

Os comportamentos que definem o autismo incluem déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades. As dificuldades na interação social em crianças autistas podem manifestar-se como isolamento ou comportamento social impróprio; pobre contato visual; dificuldade em participar de atividades em grupo; indiferença afetiva ou demonstrações inapropriadas de afeto; e falta de empatia social ou emocional. (ROTTA, 2006, p. 423).

É um transtorno invasivo do desenvolvimento, caracterizado por falhas na interação social, na comunicação e pela presença de comportamentos e interesses restritos, repetitivos e estereotipados. Camargos Jr. (2002) afirma que:

Os autistas apresentam, especificamente, déficit em quatro áreas: pobreza de jogos imaginativos, não utilização e compreensão dos gestos; não utilização da linguagem como objetivo de comunicação social e presença de respostas estereotipadas ou de ecolalia. [...] uma hiper ou hiporreação a estímulos sensoriais, como luz, dor ou som. É comum a não identificação de perigos reais como veículos em movimento ou grandes alturas. (CAMARGOS JR., 2002, p.12-13).

Quanto aos movimentos estereotipados, Cunha (2009) ressalta que:

De certo modo, as estereotípias servem como mecanismos de expressão. Representam alegrias, emoções, ansiedades, frustrações e momentos de excitação de origens diversas. São características bem visíveis e ativas no autismo. Carecem de avaliação por parte professor ou do psicopedagogo, a fim de se descobrir quais os mecanismos que degradam a sua ocorrência, como objetivo de ampliação dos recursos educativos pertinentes a cada educando e a cada situação. (CUNHA, 2009, p.45).

As dificuldades do autista variam em grau e intensidade e o comprometimento pode ser muito grave e estar associado à deficiência intelectual, ou tão leve que o portador do transtorno consegue levar uma vida próxima da normalidade. Crianças que são afetadas por esta síndrome necessitam aprender a se relacionar com outras pessoas e a se comunicar, seja de forma verbal ou não. Elas têm um jeito diferente de aprender. Peeters, comenta que:

[...] quando dizemos que as pessoas com autismo têm um estilo cognitivo diferente, significa que o seu cérebro processa as informações de um modo diferente. Eles ouvem, sentem e vêem, mas o seu cérebro administra estas informações de uma forma peculiar. (PEETERS, 1998, p.9)

Muitos autistas têm dificuldades para manter contato visual e para interpretar falas ou expressões faciais. Silva (2012, p. 20) afirma que “[...] a dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem”. Peeters (1998, p. 70) diz que “[...] pessoas autistas têm dificuldade em ‘ler’ emoções, intenções e pensamentos”. Cabe lembrar que estes sintomas aparecem

antes dos três anos de idade. Silva (2012), em seu livro *Mundo Singular*, descreve alguns sintomas que aparecem precocemente e que devem ser observados. Com relação a avaliação a autora diz que:

A avaliação de um médico ou psicólogo infantil consiste na observação criteriosa do conjunto de comportamentos, vivências e da maneira de ser daquela criança. Esse observador deve ter ainda uma bagagem robusta do funcionamento e do desenvolvimento de crianças em geral. Assim, é possível fazer uma análise detalhada daquilo que foge à regra, observar sinais precoces relatados pelos pais, investigar comportamentos nos diferentes contextos e estabelecer vínculos com a criança. O profissional precisa ter a tranquilidade necessária para ouvir os pais ou cuidadores, uma vez que são eles que mais têm contato com aquela criança, com a qual passam a maior parte do tempo. Além disso, durante a entrevista, o médico ou terapeuta deve ter muita sensibilidade e racionalidade para compreender os relatos embebidos de emoções e avaliá-los de maneira objetiva. Depois desta investigação aprofundada, chega-se ao diagnóstico correto. (SILVA, 2012, p. 88-89).

Autistas são muito sensíveis ao barulho e ao toque. “A hipersensibilidade auditiva, por exemplo, é uma característica presente em boa parte das pessoas com Autismo”. (GATTINO, 2015, p.21).

Temple Grandin, engenheira e bióloga americana, diagnosticada com autismo, traz em sua autobiografia relatos a respeito da sua hipersensibilidade e atribui vários comportamentos inadequados, quando criança, por conta das dificuldades sensoriais. Grandin (2015) diz ser sensível a sons altos e súbitos, e relata o que lhe causa dor e ódio:

Sabe o que odeio? O barulho do secador de mãos nos banheiros públicos. Não tanto quando o jato de ar começa, mas no momento em que as mãos ficam sob o jato. A queda súbita do registro me deixa louca. É como o toailete a vácuo nos aviões. Primeiro vem o prelúdio breve como uma chuarada, depois o trovão da sucção. Eu odeio aquilo. Um ódio como o das unhas arranhando o quadro-negro. Sabe o que mais odeio nas viagens de avião? O alarme que soa quando alguém acidentalmente abre uma porta de segurança no aeroporto. Odeio alarmes em geral, de qualquer tipo. Quando era criança, o sinal da escola me deixava completamente doida. Era como um obturador de dentista. Sem exagero: o som causava uma sensação dentro do meu crânio como a dor do obturador. (GRANDIN, 2015, p. 77).

Porém, apesar de todas estas dificuldades em lidar com os sons, Grandin (2015, p. 81) narra: “[...] aprendi a conviver com o som das mãos sob o jato de ar do secador e os alarmes das portas dos aeroportos”.

Naoki Higashida, um ensaísta, romancista e poeta japonês de grande prestígio em seu país, foi diagnosticado com autismo aos 5 anos de idade e, em diversas obras publicadas traz relatos interessantes sobre os sintomas que vive e sente ainda hoje aos 26 anos. Com relação a audição, ele explica porque as pessoas com autismo cobrem os ouvidos diante de determinados barulhos:

Existem certos ruídos que vocês não percebem, mas que nos incomodam bastante. O problema é que vocês não entendem como esses sons nos afetam. Não é bem pelo fato de que o barulho nos dá nos nervos. Tem mais a ver com o medo de que, se continuarmos a ouvir, perderemos toda a noção de onde estamos. Nesses momentos, sentimos como se o chão estivesse tremendo, como se tudo ao redor de nós estivesse vindo em nossa direção, e isso é muito apavorante. Então, para nós, cobrir os ouvidos é uma forma de nos protegermos e recuperarmos a consciência do lugar onde estamos. (HIGASHIDA, 2014, p. 93).

Autistas também podem apresentar hipossensibilidade (baixo limiar sensorial), não demonstrando dor ao cair, ou até mesmo ao ser queimado.

Klin (2006) explica que os autistas:

Podem ser muito agudamente sensíveis a sons (hiperacusia), tapar os ouvidos ao ouvir um cão latir ou o barulho de um aspirador de pó. Outras podem parecer ausentes frente a ruídos fortes ou a pessoas que as chamam, mas ficam fascinados pelo fraco tique-taque de um relógio de pulso ou pelo som de um papel sendo amassado. Luzes brilhantes podem causar estresse, ainda que algumas crianças sejam fascinadas pela estimulação luminosa [...]. Pode haver extrema sensibilidade ao toque (defensividade tátil), incluindo reações fortes a tecidos específicos ou ao toque social/afetuoso, embora haja muitas crianças que sejam insensíveis à dor e possam não chorar após um ferimento grave. Muitas crianças são fascinadas por certos estímulos sensoriais, tais como objetos que giram, ou partes de brinquedos que podem girar, enquanto algumas têm prazer com sensações vestibulares, como rodopiar, realizando esta ação sem, aparentemente, ficarem tontas. (KLIN, 2006, p.6)

Crianças com autismo geralmente utilizam as pessoas como instrumento, guiando-as até o objeto do seu interesse, ao invés de apontar. Quando diante de



brinquedos, tendem a utilizá-los de forma peculiar, girando as rodas, enfileirando os carrinhos ou bichinhos, por exemplo. Aqueles que são verbais utilizam a fala de forma descontextualizada, falando de assuntos do seu interesse ou repetindo falas de filmes. Alguns apresentam um isolamento, ausência total de linguagem verbal, agitação psicomotora intensa, comportamentos ritualísticos, movimentos repetitivos e prejuízo no contato social. Outros que conversam bem, possuem até vocabulário muito rebuscado e inventam novas palavras, são capazes de falar horas sem parar sobre um determinado tema.

Gattino (2015) ressalta que:

Boa parte dos indivíduos com Autismo não consegue adquirir linguagem verbal. Quando a linguagem está presente, existe grande probabilidade de a criança apresentar ecolalia e utilizar palavras fora do contexto. A ecolalia consiste na repetição de palavras e sons que a criança aprende por meio das conversas de outras pessoas ou por frases de programas de televisão; desta maneira, a linguagem verbal aparece em situações em que a criança não tem a intenção de comunicar algo para outro indivíduo. (GATTINO, 2015, p. 18-19).

Camargos Jr. (2002), ainda referindo-se sobre a linguagem, diz que:

Quando a linguagem se desenvolve, não tem tanto valor de comunicação e geralmente se caracteriza por uma ecolalia imediata e/ou retardada, repetição de frases estereotipadas, inversão pronominal (utilização do pronome “ele” quando a significação é “eu”), ou ainda, uma afasia nominal. Notam-se da mesma forma anomalias na melodia, que tem um aspecto cantado. Algumas dessas crianças conseguem reter perfeitamente as palavras de uma canção sem outra linguagem além disso, sendo frequente o cantarolar. [...] a criança dá mostras de um extremo domínio verbal, aprende páginas do dicionário, até línguas estrangeiras, mas tais casos são raros e mais característicos da Síndrome de Asperger. (CAMARGOS JR., 2002, p.14).

O(a) aluno(a) com autismo deve ser constantemente motivado(a) a participar e interagir mais, estabelecendo vínculos com as pessoas a sua volta. A pessoa com autismo apresenta dificuldade em interpretar as intenções dos outros, pouca flexibilidade para mudar rotinas e tem interesses restritos e repetitivos. Ela não sabe e não aprendeu a interagir e manter vínculos. Pelo fato de ser muito sensível, para ela o contato social é visto como ameaçador, invasivo e intimidador.

O mais indicado na intervenção é que se busque uma equipe multidisciplinar especializada em autismo com psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo e educador. Na intervenção deve-se visar à independência, autonomia, socialização e auto realização do paciente. Cabe ressaltar que o psicólogo deve acolher e estimular habilidades para o seu desenvolvimento, assim como prestar auxílio e orientação as famílias. Silva (2012) diz que:

Muitas são as possibilidades de tratamento, que variam desde ensinar atividades básicas como ir no banheiro – para uma criança com autismo grave com retardo – até o treino de sutilezas sociais, como entender ironias – para pessoas que possuem somente alguns traços do espectro autista, que são a maioria. De qualquer maneira, precisamos ajudá-las a diminuir suas limitações e a resgatar o afeto e as emoções que foram impedidos de emergir. (SILVA, 2012, p.210).

A autora explica como proceder a fim de desenvolver as habilidades nestas crianças:

Todas as dificuldades que a criança com autismo apresenta – desde respostas relativamente simples, como olhar nos olhos, até comportamentos complexos, como comunicação espontânea e interação social – são, inicialmente, separadas em pequenas etapas que são treinadas, exercitadas. As respostas apropriadas são seguidas por recompensas prazerosas, chamadas reforçadores, que aumentarão as chances de esse comportamento adequado ser repetido. Um objetivo importante do tratamento é tornar o aprendizado divertido para a criança. Outro é ensinar a criança a diferenciar estímulos diversificados. Já os comportamentos inadequados, tais como birras, estereotípias, autoagressão e fugir das atividades, devem ser ignorados e direcionados para algo adequado. (SILVA, 2012, p. 210-211).

Cada pessoa exige acompanhamento individual, de acordo com suas necessidades e deficiências. O empenho da família também é fundamental no tratamento. Agindo desta forma as mudanças na vida serão inúmeras. Peeters (1998) complementa, dizendo que:

No caso do autismo, devemos aceitar o fato de que as desordens de desenvolvimento são permanentes. O objetivo do tratamento de um autista é desenvolver todas as possibilidades dentro desta limitação. Em outras palavras, prepará-lo para a sua vida adulta de tal maneira que ele possa integrar-se na sociedade da melhor maneira possível. (PEETERS, 1998, p.4).

Autismo é uma palavra de origem grega (*autós*), que significa por si mesmo. É um termo usado para denominar comportamentos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo. É um transtorno invasivo do desenvolvimento, caracterizado por falhas na interação social recíproca, na comunicação e pela presença de comportamentos e interesses restritos, repetitivos e estereotipados, que se manifestam antes dos três anos de idade. Conforme o DSM-5 (2014, p.57) “o transtorno do espectro autista é diagnosticado quatro vezes mais frequentemente no sexo masculino do que no feminino”.

Salvador (2000, p. 83), pai e terapeuta de um jovem com autismo, assim define o autismo: “[...] é um distúrbio de desenvolvimento caracterizado por dificuldades e anormalidades nas diversas áreas: habilidade de comunicação, relações sociais, funcionamento cognitivo, processos sensitivos e comportamento”.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser caracterizado como uma condição do desenvolvimento neurológico, alterando a comunicação e a socialização e apresentando a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. É possível começar a perceber alguns sinais nos primeiros meses de vida, quando os bebês não olham ao serem chamadas ou evitam contato visual. O diagnóstico do autismo é clínico, feito através de observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis. Os sintomas costumam estar presentes antes dos três anos de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade.

Brito (2012) afirma que:

O autismo caracteriza-se, principalmente, pela introspecção do indivíduo e pela dificuldade que ele tem para demonstrar seus sentimentos e relacionar-se com a sociedade, o que confronta, diretamente, com o mundo que o rodeia, pois interfere na interação com o outro. Essa incapacidade de relacionar-se com o entorno, fato que pode ocorrer em diferentes níveis, é o que faz com que muitos classifiquem os autistas como detentores de seu próprio mundo. (BRITO, 2012, p. 11).

Muitas são as características das pessoas com autismo. No geral, as crianças usam os brinquedos de forma incomum, não dando funcionalidade, como por exemplo, ficar girando a roda do carrinho, onde deveria conduzi-lo; enfileiram ou separam objetos por cor, onde deveriam encaixar, construindo coisas diversas; têm dificuldade de relacionamento com crianças da mesma idade, preferindo aos adultos; choram ou riem em situações inapropriadas, sem motivo aparente; alguns

são sensíveis a determinados sons; podem também apresentar sensibilidade ao toque físico; existem autistas verbais que têm dificuldades em manter uma conversa; não gostam de mudanças na rotina, ficando desorganizados e apresentando comportamentos inadequados.

Silva (2012) afirma em relação aos autistas que:

Mantêm-se solitários em suas atividades, têm dificuldade em compartilhar ideias e interesses, dificuldade em entender o que o outro está sentindo ou pensando. Os interesses são restritos [...]. Apresentam rotinas e rituais, inclusive no discurso, e formas peculiares de conversar. Às vezes parecem muito “certinhos”, usam palavras incomuns para a idade. Mesmo com a fala preservada, a comunicação pode ser “estranha” por não entenderem frases de duplo sentido ou entrelinhas da conversa. (SILVA, 2012, p. 66).

Porém cabe ressaltar que existem casos de autismo mais graves, podendo vir ou não associados ao retardo intelectual ou também outras síndromes. Silva relata que estas crianças podem necessitar de cuidado a vida toda. Ela descreve da seguinte forma:

[...] o autismo grave, ou o autismo associado ao retardo mental e a dificuldades de independência, o que geralmente é chamado de autismo clássico e, muitas vezes, é como as pessoas imaginam alguém com autismo. Crianças com este diagnóstico geralmente apresentam grande dificuldade na interação social. Não fazem contato visual, não conseguem desenvolver relacionamentos apropriados e não tentam compartilhar interesses ou brincadeiras com as outras pessoas. Muitos acabam ficando isolados em seu cantinho e não desenvolvem a linguagem adequadamente. Podem ter grandes dificuldades em se comunicar, mesmo que seja para pedir coisas do seu interesse. Apresentam movimentos repetitivos como balançar o corpo e agitar as mãos. (SILVA, 2012, p. 70-71).

Crianças com autismo apresentam dificuldades na interação social, no brincar e na comunicação. Cunha (2013) alerta que:

[...] a pessoa com autismo passa a ter uma relação singular com tudo que é externo. Fixa-se em rotinas que trazem segurança, não interage normalmente com pessoas, inclusive com os pais, nem manuseia objetos adequadamente, gerando problemas na cognição, com reflexos na fala, na escrita e em outras áreas. Aprende de forma singular. Há uma relação

diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre geram conhecimento. (CUNHA, 2013, p.28).

Em todos os casos de autismo, seja leve ou grave, são de extrema importância o diagnóstico e a intervenção precoce, para que cada habilidade destas crianças seja treinada de maneira minuciosa. Com intervenção adequada a pessoa no espectro pode aprender a se socializar e interagir com os outros. Crianças convenientemente tratadas podem desenvolver habilidades fundamentais para sua reabilitação e levar uma vida socialmente adequada, interagindo com as pessoas e não apresentando comportamentos considerados inadequados.

Tornar a pessoa com autismo o mais independente possível é uma tarefa que pressupõe intervenção precoce, educação especial, suporte familiar e em alguns casos, uso de medicações. A educação especial pode ampliar a capacidade de aprendizado, comunicação e relacionamento e ainda, atenuar as crises de agitação. A orientação aos pais é um procedimento fundamental, já que é a família que convive diariamente com o autista. Vale ressaltar que não há medicação que cure o autismo, no entanto, muitas vezes a medicação é prescrita para combater efeitos específicos do autismo como, por exemplo, agressividade, ansiedade, falta de sono, fobias.

São sinais de autismo: alterações do sono; indiferença em relação aos cuidadores, ausência de sorriso social, desconforto ao ser acolhido no colo; ausência de atenção compartilhada e de contato visual; movimentos estereotipados e repetitivos (balançar o corpo, bater palmas, agitar ou torcer as mãos ou dedos, e dar pulinhos); ausência de resposta ao ser chamado; ausência de reação de surpresa ou dificuldade para brincar de “faz de conta”; hipersensibilidade a determinados tipos de sons; ecolalia (repetição imediata ou tardia de palavras ou frases); tendência ao isolamento; interesses restritos; e em alguns casos as crianças apresentam habilidades especiais (mostrando-se muito boas em matemática, música, artes, ou em outras áreas). Camargos Jr. (2002, p. 15) ressalta que “[...] um autista não apresenta exatamente o mesmo quadro que outro.”

Brito (2014, p. 26-27), mãe de um jovem com autismo, lista alguns traços mais marcantes, como:

- a) Problemas de alimentação - são seletivos;
- b) Criam laços estranhos com objetos;

- c) Evitam contato físico - alguns não gostam de ser tocados em determinadas partes do corpo, como orelha, costas, mãos, cabeça;
- d) Ausência do sorriso social;
- e) Movimentos motores repetitivos - agitar, torcer as mãos ou dedos, balanceio do tronco, rodopiar sobre si mesmo, andar na ponta dos pés, bater na cabeça durante muito tempo;
- f) Diminuição da sensibilidade à dor - morder a mão, bater forte com as mãos na cabeça, no chão ou em um móvel, alguns caem tombos homéricos e não reclamam de dor;
- g) Desejos de cheirar as pessoas ou objetos;
- h) Déficit no relacionamento - isolamento, desconforto em ambientes com muitas pessoas, mesmo que sejam conhecidas;
- i) Audição seletiva - parece surdo ou tapa os ouvidos para isolar-se dos ruídos incômodos;
- j) Os objetos redondos e giratórios, tais como rodas de carrinhos, ventiladores, etc. despertam interesse especial;
- k) Distúrbio da fala e de linguagem - variam do mutismo total à inversão pronominal, repetição involuntária de palavras ou frases que ouviu (ecolalia imediata ou tardia);
- l) São extremamente honestas - não conseguem mentir;
- m) Não interpretam um texto de forma convencional - necessário adaptar o material;
- n) Distúrbios de percepção - dificuldade de interpretar a linguagem corporal e expressões faciais, e não entende sarcasmos, ironias, metáforas.

Grandin (2015) se expressa, relatando alguns destes comportamentos vividos por ela:

Eles (pesquisadores) não conseguem imaginar um mundo onde roupas que pinicam o fazem sentir-se pegando fogo, ou onde uma sirene soa 'como se alguém estivesse perfurando meu crânio com uma furadeira' [...]. A maioria dos pesquisadores não consegue imaginar uma vida em que cada situação nova, ameaçadora ou não, vem com uma descarga de adrenalina, [...]. Porque a maioria dos pesquisadores são pessoas normais, criaturas sociais, então, do ponto de vista deles, faz sentido se preocupar em socializar autistas. E faz, até certo ponto. Mas como socializar pessoas que não toleram

o ambiente onde devem se mostrar sociáveis – que não tem prática de reconhecer os significados emocionais das expressões faciais em ambientes sociais. (GRANDIN, 2015, p. 80-81).

## 1.1 Um olhar para o passado

A literatura nos mostra, de forma incisiva quão doloroso foi o diagnóstico de pessoas com autismo, os conceitos iniciais recaem no quadro de doença mental ou psicoses. Segundo Szabo (1996, p.15), o termo autismo foi introduzido em 1911, pela primeira vez por Eugene Bleuler, o qual designa a perda do contato com a realidade dentro de um quadro de esquizofrenia. Na década de 40, Léo Kanner dedicou-se ao estudo e à pesquisa de crianças que apresentavam comportamentos estranhos e peculiares, aliados a dificuldade de relações interpessoais. Kanner considerava o autismo com características de desaparego e isolamento em relação ao ambiente. (SZABO, 1996).

A partir de 1960, a psiquiatra inglesa Lorna Wing, cuja filha era portadora de autismo, passa a publicar textos de grande importância para o estudo deste assunto. Silva (2012) afirma que:

Lorna Wing foi a primeira pessoa a descrever a tríade de sintomas: alterações na sociabilidade, comunicação/linguagem e padrão alterado de comportamentos. O objetivo deste conceito foi introduzir a ideia de que os sintomas relacionados a qualquer um dos três domínios citados podem ocorrer em vários graus de intensidade e, portanto, com diferentes manifestações. (SILVA, 2012, p.161).

Muito embora as causas do autismo sejam complexas, está claro que ele não resulta do tipo de criação praticada pelos pais. Alguns médicos, nas décadas de 40, 50, 60 acreditavam que o autismo resultasse da atitude fria e pouco amorosa das mães: as chamadas “mães geladeiras”. Esses médicos promoveram a ideia de que mães pouco amorosas causavam o autismo dos filhos e criaram uma geração de pais que se sentiam extremamente culpados pela condição dos seus filhos. Silva (2012) relata que:

Durante muitos anos, pais e cuidadores (muitas vezes toda a família) de uma pessoa com autismo foram bombardeados com informações inadequadas sobre as causas do transtorno, que

geraram culpa e sofrimento sem propósitos. Entender as causas do autismo desmistifica uma série de teorias que relacionam a sintomatologia com padrões de cuidados dos pais. Mesmo após décadas, algumas teorias ainda são usadas por profissionais desavisados, e não é incomum recebermos mães desoladas por se sentirem responsáveis pelo autismo do filho. Os estudos genéticos nos dão uma boa base para entendermos a origem do problema. (SILVA, 2012, p. 171).

Ainda sobre esta questão, Higashida (2014) descreve:

O sopro de esperança é que a medicina desistiu de botar a culpa do autismo na sua esposa, por ser uma “mãe geladeira”, como acontecia até há pouco tempo (pais geladeiras não foram encontrados para prestar declarações), e que não vivemos mais numa sociedade em que autistas são considerados bruxas ou demônios e tratados dessa forma. Antigamente, o autista era visto como um indivíduo com uma doença grave que deveria ser institucionalizado ou ficar em casa, já que não conseguiria viver em sociedade. Quando uma família notava que seu filho era “diferente”, esta criança era mantida no lar, poucas pessoas sabiam da sua existência, cresciam e continuavam em casa sem nenhum contato com a sociedade. Os motivos que levavam a esta escolha: vergonha, culpa, ignorância, insegurança, medo? (HIGASHIDA, 2014, p. 11).

Hoje vemos investimento na educação destas crianças. Os responsáveis estão buscando terapias, programas, serviços especializados que só trazem melhora no desenvolvimento das crianças com autismo. Grandin (2015) fala de um tempo em que as pessoas não eram incentivadas a esta conduta:

Estamos muito distantes do tempo em que os médicos diziam aos pais de crianças autistas que não havia saída e a única opção humana era a condenação de passar a vida numa instituição. Ainda há um longo caminho a percorrer, claro. A ignorância e as interpretações incorretas sempre são difíceis de superar quando passam a fazer parte do sistema de crenças de uma sociedade. (GRANDIN, 2015, p. 210-211).

## **1.2 O autismo nos dias atuais**

Devido a vários estudos e pesquisas nesta área, hoje o autismo é visto como uma síndrome independente, com graves perturbações na capacidade de interação



social e relações afetivas, porém não atribui-se mais a culpa da apatia autista ao afastamento emotivo das mães. Cunha (2009) enfatiza que:

Durante anos, a leitura psicanalítica enfatizou o papel da função materna e paterna no aparecimento do autismo. Hoje, sabe-se que o autismo não advém dessa relação. Credita-se o comprometimento autista a alterações biológicas, hereditárias ou não. Os pesquisadores de formação psicanalítica, que se interessam pelo autismo, objetivando a melhoria do tratamento terapêutico, ao mesmo tempo em que tentavam descortinar os mecanismos psicológicos atuantes na síndrome, contribuíram grandemente para os estudos que visavam elucidar o espectro. (CUNHA, 2009, p. 25).

Percebe-se cada vez mais que crianças com autismo, se diagnosticadas precocemente, e com estímulos e intervenção precoce, tendem a superar suas dificuldades e limitações, desenvolvendo capacidade e habilidades sociais para interagir, de forma aceitável, na sociedade.

Silva (2012) afirma que o autismo tem como causa fundamental as alterações genéticas. A autora salienta que:

Podemos também supor que o que leva ao autismo é a combinação de genes com determinadas características do pai ou outros genes com características da mãe. Algumas pesquisas corroboram essa teoria, uma vez que pais de crianças com autismo, muitas vezes, apresentam traços de autismo. [...] Além dessas causas, não devemos descartar a hipótese de que crianças com predisposição genética ao autismo também estão sujeitas a fatores ambientais, que podem deflagrar o surgimento do problema. Dentre eles estão o uso de medicamentos durante a gestação (como a talidomida, o ácido valproico e o misoprostol), intoxicações alimentares, bebidas alcoólicas, e o uso de substâncias abortivas. Até agora, todos esses fatores externos não têm comprovação científica estabelecida; portanto, a genética ainda é a causa mais provável do funcionamento mental autístico. (SILVA, 2012, p. 175-176).

Facion (2002) também afirma que:

Outros fatores também têm sido identificados como possíveis agentes que contribuem para ocasionar esta síndrome, tais como fenilcetonúria não tratada, viroses durante a gestação (principalmente durante os três primeiros meses), toxoplasmose, rubéola, anoxia e traumatismos no parto, patrimônio genético, dentre outros. Dados como estes têm conferido cada vez mais uma natureza de organicidade à esta doença, despertando o interesse crescente na comunidade científica por pesquisas sobre dietas, vitaminas, enzimas e

neurotransmissores possivelmente relacionados. Antigamente só era diagnosticado autista quem apresentasse sintomas graves. Hoje, percebemos nitidamente que pessoas com traços de autismo estão na sociedade e podem ter sucesso social e profissional. (FACION, 2002, p. 27).

Sales diz que precisamos entender o processo de desenvolvimento e aprendizagem que traduz diferentes formas de organização mental e diferentes estruturas cognitivas. O autor diz que:

[...] através da Neurociência, sabe-se que existe a plasticidade cerebral e que a mesma necessita de muito estímulo daqueles que estão próximos a estes indivíduos. Os aspectos educacionais foram estudados, tendo como finalidade a descrição das principais dificuldades encontradas nesse aspecto, buscando relacionar como deve ser a educação dos autistas nas escolas e como eles se apresentam frente a esta educação. (SALES, 2018, p.6)

Quando diagnosticados ainda pequenos, mais eficaz se torna a intervenção. Silva (2012, p. 208) diz que “[...] quanto menor a idade, mais maleável e suscetível está o cérebro em promover mudanças estruturais”. A detecção precoce do autismo é fundamental para a imediata intervenção.

Rotta et al. (2006, p. 431) afirma que: “[...] a criança autista, sem dúvida, é capaz de aprender, cada uma a sua maneira, desde que receba um programa individualizado de intervenções intensivas. Tais condutas devem ser uniformes na escola, no lar e na sociedade.

Grandin (2015), relembra acerca do autismo a sessenta anos atrás:

Quando faço uma retrospectiva sobre o autismo de sessenta anos atrás, quando meu cérebro causava muita ansiedade em minha mãe, curiosidade nos médicos e desafiava minha babá e os professores, sei que tentar imaginar onde ele estará daqui a sessenta anos é uma tarefa idiota. Mas tenho certeza de que qualquer que seja o pensamento sobre o autismo, ele vai incorporar a necessidade de considera-lo isoladamente, cérebro por cérebro, filamento por filamento do DNA, característica por característica, ponto forte por ponto forte e, talvez o mais importante, indivíduo por indivíduo. (GRANDIN, 2015, p. 211).

Intervenção precoce pode melhorar drasticamente o funcionamento de uma criança, não importa que tipo de autismo ela tenha. Um conjunto de intervenções

terapêuticas e estimulação precoce adequada e continuada podem aliviar alguns sintomas e trazer melhorias em termos do desenvolvimento destas crianças. As fases do tratamento são: a avaliação comportamental; a seleção de metas e objetivos; a elaboração de programas de intervenção. É recomendado que esta intervenção seja iniciada o mais cedo possível e que sejam contempladas as principais áreas que caracterizam o autismo: a interação social, a comunicação e as disfunções comportamentais. A intervenção deve ser organizada e estruturada de forma progressiva e deve incluir os pais. As atividades terapêuticas englobam estratégias de modificação comportamental, treino de integração sensorial, terapia da fala e treino de competências sociais.

Na escola regular, no caso dos alunos incluídos, o professor precisa descobrir quais habilidades – sociais e acadêmicas - seu aluno já possui e quais ele precisa adquirir. A partir daí escolher os materiais adequados. Sempre priorizando a comunicação e a socialização e também a adaptação dos materiais.

Anita Brito discorre sobre a definição de um autista, evitando padronizar os conceitos como se todos fossem iguais. A autora diz que “[...] nem todo ser humano é autista, mas todo autista é ser humano e, todo ser humano, um ser único e plural” (BRITO, 2014, p.13). Brito (2014) assim pensa:

A definição completa de um ser só é possível com os vários olhares que recaem sobre ele e, ainda assim, não conseguimos defini-lo por completo, pois ele cresce e se desenvolve constantemente. Assim é o autista. Não podemos defini-los e dizer que são todos iguais, padronizados em uma bibliografia e encaixados em um mesmo grupo de pessoas, tampouco não acreditar em sua evolução diária. A única coisa que os autistas têm em comum é que são seres humanos com características similares e diferentes. Ou seja, não devemos padronizar os autistas porque todo ser é único. Não podemos dizer que este autista é idêntico àquele outro, mas que são semelhantes em alguns aspectos e diferentes em outros. Como qualquer pessoa neste mundo. (BRITO, 2014, p.13).

O Brasil, com a publicação da Lei 12.764/12, passa a ter uma Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O Projeto de Lei do Senado n. 168/11 foi apresentado pela Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal com apoio do Senador Paulo Paim, mas foi redigido por mães e pais de pessoas com autismo e contou com uma grande mobilização popular para sua aprovação.

A Lei nº. 12.764/12 (Lei Berenice Piana), que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, no seu art. 1º, §2º, deixou claro que o indivíduo diagnosticado no espectro autista é considerado pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. “Lei Berenice Piana” Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;

Art.1º Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução. § 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista: VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, terá direito a acompanhante especializado. (BRASIL, 2012).

### **1.3 Sobre a escola especial**

A prática foi realizada em uma escola municipal de educação especial, na cidade do Rio Grande, a Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi, que atende alunos e alunas com autismo e psicóticos. As crianças com autismo, em décadas anteriores eram consideradas crianças com deficiência intelectual e seu atendimento era feito da mesma forma em instituições especializadas para crianças com algum retardo como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Com os avanços na área médica e educacional observou-se que muitas das crianças com autismo não reagem de forma positiva ao tratamento recebido, notava-se que estas poderiam beneficiar-se mais tendo uma metodologia que se adequasse as suas necessidades e uma rotina própria. Psicólogos e pedagogos começaram os primeiros estudos e optaram pela criação de

um espaço próprio para essas crianças. (SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

A Associação de Pais e Amigos dos Autistas do Rio Grande (AMAR), foi fundada em 14 de outubro de 1989 com o objetivo de proporcionar à criança autista alternativas educacionais mais adequadas para seu pleno desenvolvimento, respeitando as limitações de cada uma, para que tenha, no futuro, uma convivência mais harmoniosa na família e na sociedade. Para isso foi criado um Centro de Atendimento para crianças autistas, norteado pelos sinais apresentados por alunos (as) com autismo do Rio Grande, que demonstravam não terem aproveitamento com os métodos da época igual aos que possuíam deficiência mental. (SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Percebeu-se que havia a necessidade de ambientes e métodos específicos e, assim, foi criada a AMAR, a partir da iniciativa de algumas mães e profissionais ligados a APAE, de reunirem-se em espaços diferenciados com o objetivo de proporcionar a criança autista condições para seu pleno desenvolvimento, visando sua inclusão em todas as áreas de interação: familiar, psicológica, pedagógica, do trabalho e social. A partir da participação dos profissionais envolvidos, inicialmente uma psicóloga, uma pedagoga e uma professora especializada, juntamente com mães de crianças com autismo, criou-se um Centro de Atendimento a esses alunos. (SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Ações foram se fortificando, estudos de metodologias, consultorias foram feitas até se chegar à aplicação do Programa TEACCH<sup>2</sup>, programa este mais usado nos Estados Unidos e hoje mais difundido no Brasil. Com o sucesso do trabalho, a busca pelo atendimento foi aumentando, a lista de espera por vaga na instituição começou a crescer a cada dia, sendo inevitável a busca de um espaço maior, apoio e ajuda dos órgãos públicos e da própria comunidade. Por questões de legislação o Centro deixa de existir para dar lugar a uma escola especializada para crianças autistas, inicialmente, a única da zona sul. A Secretaria de Educação cedeu professores e na comunidade alugou um espaço maior. No decorrer dos anos, em 1996 o centro passa a ser Escola e recebe o nome de Escola Especial Maria Lucia Luzzardi (uma das psicólogas pioneiras nos estudos de crianças com autismo que

---

<sup>2</sup> O *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handcapped Children* (TEACCH) é um programa que combina diferentes materiais concretos e visuais, que auxilia as crianças a estruturarem o seu ambiente e a sua rotina. (SILVA, 2012, p.218)

faleceu precocemente) e passou a ser administrada pela Secretaria de Educação. Em 1999 passou a funcionar em novo endereço, no bairro Cidade Nova – onde permanece até o momento. Passa a AMAR a direcionar suas ações para dar assessoramento à família da criança autista e ajudar na atualização dos(as) professores(as) e equipe técnica da escola. (SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Até 2003 a Escola já vinha trabalhando com o Programa TEACCH, mas com a chegada de professoras com formação em Artes Visuais foi criada a Oficina de Artes, com a intenção de desenvolver atividades criativas com os alunos e alunas, após surgiu também a Oficina de Dança, que teve início a partir da observação do interesse que os(as) mesmos(as) apresentavam quando eram oferecidos momentos com música. Surgiu então, a Oficina de Artesanato. Com o funcionamento das oficinas obteve-se resultados positivos, então foi pensado que a escola poderia disponibilizar em sua proposta pedagógica, vários projetos que oferecessem suporte nas aprendizagens e promovessem inclusão social para os(as) alunos(as). A cada ano são realizadas reflexões sobre os projetos disponíveis e, caso necessário, mudanças são realizadas, para que contemplem cada vez mais as necessidades dos(as) estudantes. A escola visa à inclusão social dos alunos e alunas, no âmbito escolar, através de formações para os(as) professores(as) e acompanhamento dos(as) estudantes na rede regular de ensino. No âmbito social, é realizada a divulgação e sensibilização da comunidade sobre o Transtorno do Espectro Autista e o respeito à diversidade, assim como também orientação às famílias. A escola tem como objetivo proporcionar ao educando a formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, preparando-o para que possa vencer as dificuldades do meio, oportunizando-lhe, assim, uma melhor qualidade de vida. (SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

A escola atualmente atende 105 alunos. As turmas são organizadas de acordo com o nível de funcionamento, idade cronológica e interesse dos(as) estudantes, contendo, no máximo, seis alunos(as) por grupo de atendimento, com duas professoras, devido ao nível de dificuldades e problemas de conduta dos(as) mesmos(as). A escola também oferece atendimento individualizado para

aqueles(as) alunos(as) novos(as)<sup>3</sup> ou que não possuam condições de convívio grupal, devido a sérios distúrbios de conduta, falta de tolerância, hiperatividade e funcionamento regressivo (baixo), para que, futuramente, após desenvolver algumas habilidades, integrem-se em um grupo. O atendimento individual ocorre diariamente, com horário reduzido. O atendimento em grupo destina-se a alunos(as) que apresentam condições adaptativas com tolerância ao desenvolvimento de atividades de maior duração. São trabalhadas habilidades básicas que permitam a aluna e ao aluno perceber o mundo que o cerca. A escola destina-se, também, a alunos(as) em processo de alfabetização, bem como àqueles(as) já alfabetizados(as)<sup>4</sup>.

A metodologia utilizada na escola é baseada no Programa TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados à Comunicação). O programa se preocupa bastante com a estrutura das salas de aula, com a programação que é oferecida aos alunos, com as rotinas diárias estruturadas, com os sistemas individualizados de trabalho e com o uso do apoio visual para a realização independente das atividades.

Silva (2012) explica em que consiste o programa:

Trata-se de um programa que combina diferentes materiais concretos e visuais, que auxilia as crianças a estruturarem o seu ambiente e a sua rotina. O TEACCH é um modelo de intervenção que, através de um “estrutura externa”, organização de espaço, materiais e atividades, permite que as crianças do espectro autista criem mentalmente “estruturas internas” transformando-as em “estratégias”, para que possam crescer e se desenvolver de forma que consigam o máximo de autonomia na idade adulta. (SILVA, 2012, p. 218-219).

Estrutura na perspectiva TEACCH diz respeito à organização, sinalização e a confirmação de que pessoas com autismo processam informações visuais mais facilmente do que as instruções verbais. As informações auditivas podem desaparecer antes dos alunos terem chance suficiente de prestar atenção no que foi dito. Eles podem perder grande parte da informação passada e interpretar somente fragmentos da mensagem ou da ordem. O TEACCH traz uma clareza visual ao processo de aprendizado buscando a receptividade, a compreensão, a organização e a independência. O programa TEACCH implementa uma abordagem conhecida

---

<sup>3</sup> Segundo a autora deste estudo, são alunos que recém ingressaram na escola e que precisam de adaptação ao ambiente e se adequar ao Programa Teacch.

<sup>4</sup> Informações apontadas pela autora deste estudo.

como ensino estruturado, o que aumenta o aprendizado de novas habilidades, mas também serve para aumentar a independência e auto estima, reduzindo problemas de comportamento que resultam da confusão, ansiedade e excesso de informação. A criança trabalha num ambiente altamente estruturado que deve incluir organização física dos móveis, áreas de atividades claramente identificadas, murais de rotina ou agendas (em anexo), dependendo do nível em que se encontra o(a) aluno(a), e trabalhos baseados em figuras e instruções claras de encaminhamento. A criança é guiada por uma sequência de atividades muito clara e isso ajuda que ela fique mais organizada. Essa forma de trabalho proporciona ao(a) aluno(a) uma forma de atendimento estruturado, o qual visa à diminuição e extinção de alguns comportamentos, tais como: estereotípias motoras, hiperatividade, estereotípias verbais e isolamentos. Além disso, possibilita a(ao) estudante sua integração na sociedade como cidadã(ao) plena(o), independente da sua condição.

Rotta et al. (2006) explica sobre o TEACCH:

Esse programa parte do princípio de que crianças com autismo têm uma interação diferente de crianças típicas e que o entendimento dessas diferenças proporciona a criação de programas para melhorar o seu potencial de aprendizagem. O programa tenta focar as capacidades visoperceptivas de crianças com autismo e tem um papel importante no desenvolvimento de medidas diagnósticas que usam métodos de integração, bem como na proliferação dos sistemas visuais para essa população especial. (ROTTA et al. 2006, p. 431).

Cada currículo é individualizado, conforme o interesse, habilidades e necessidades, visando trabalhar suas condutas emergentes. Os alunos e alunas participam, além das atividades em sala de aula e da recreação na pracinha, de oficinas de artesanato, artes, ginástica, música, brinquedoteca, informática, hora do conto, oficina sensorial, reciclagem de latas (geração de renda) e jardinagem. Os trabalhos já realizados nas Oficinas de Artes foram expostos no Centro Municipal de Cultura, Sobrado dos Azulejos, Escola Viva, Galeria Mario Quintana (POA), Arte Estação (Cassino), museus da cidade do Rio Grande. Algumas exposições também tem acontecido no Shopping da Cidade. Estas exposições são divulgadas para a população em geral e os alunos e alunas da escola também visitam estes espaços juntamente com a família ou com as professoras da escola em horário do atendimento.



Existe na escola um convênio com os(as) estagiários(as) da Faculdade Anhanguera do curso de Fisioterapia, onde estes(as) realizam atendimentos individualizados com os alunos e alunas da escola que necessitem de outros estímulos para melhorar no seu desenvolvimento/crescimento.

A escola ainda conta com um trabalho diferenciado de Pet Terapia, com uma terapeuta, acompanhada de sua cachorra adestrada para interagir com os alunos e alunas nos espaços da escola e em caminhadas. Atendem na escola 50 professoras, 10 funcionários, 1 psicólogo e 5 pedagogas (equipe técnica), a diretora e vice-diretora (equipe diretiva). A escola conta também com o atendimento de uma enfermeira. O atendimento é dividido em dois prédios, um para crianças e no outro são atendidos os adolescentes e adultos.

## 2. O ENSINO DE HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO LOCAL

Primeiramente, faz-se relevante destacar o que é patrimônio histórico cultural material e imaterial e, qual é sua importância para a comunidade local situada ao entorno desse patrimônio. Funari e Pelegrini apontam que:

Hoje, quando falamos em patrimônio, duas ideias diferentes, mas relacionadas, vêm à nossa mente. Em primeiro lugar, pensamos nos bens que transmitimos aos nossos herdeiros – e que podem ser materiais, como uma casa ou uma joia, com valor monetário determinado pelo mercado. Legamos, também, bens materiais de pouco valor comercial, mas de grande significado emocional, como uma foto, um livro autografado ou uma imagem religiosa do nosso altar doméstico (FUNARI & PELEGRINI, 2006, p.8).

Os autores referem-se também ao patrimônio espiritual, quando se referem aos ensinamentos e lições de vida que recebemos de nossos antepassados.

A etimologia da palavra patrimônio vem do latim “*patrimonium*” e significa uma herança ou propriedade paternal, ou seja, um legado passado de geração para geração, carregando imensa carga cultural, histórica e/ou ambiental.

Pelegrini fala sobre a educação patrimonial:

A educação patrimonial formal e informal constitui uma prática educativa e social que visa à organização de estudos e atividades pedagógicas interdisciplinares e transdisciplinares. O objetivo da interdisciplinaridade centra-se na tentativa de superar a excessiva fragmentação e linearidade dos currículos escolares. (PELEGRINI, 2009, p.36)

Pode-se, então, dizer que Patrimônio é o conjunto de bens materiais e/ou imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. É o legado que herdamos do passado e que transmitimos a gerações futuras. São manifestações populares, cultos, tradições, tanto materiais quanto imateriais, que tem reconhecida sua importância histórica e cultural.

A cultura é diversificada e varia de uma sociedade para outra, ela está ligada aos costumes de um povo. A memória são as informações que temos conservadas e

que repassamos aos outros. Mas devemos estabelecer relação do presente, passado e futuro, para assim ter consciência da história.

Pensar em Educação Patrimonial é pensar em preservação, e para preservar, os alunos precisam primeiramente conhecer. A educação patrimonial contribui para embrenharmos pelo campo da história local, reconhecendo e valorizando a cultura e preservando o patrimônio. Dias, afirma que:

[...] os bens patrimoniais constituem, portanto, uma ferramenta educacional importante, pois permitem que os jovens conheçam seu passado como forma de compreender melhor o presente e, ao mesmo tempo, consolidem-se valores e se fortaleça o processo de construção de uma identidade cultural. (DIAS, 2006, p.69)

Segundo Brayner (apud SCHIAVON e SANTOS, 2013, p.51) “o patrimônio cultural é também formado pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e pelos produtos que remetem à continuidade histórica, à memória e à identidade de um povo.” Ou seja, tudo aquilo que é historicamente importante para as pessoas. A memória é importante na construção da identidade e da cidadania cultural, porque é a:

[...] memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas [...], sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história (ORÍÁ apud BITTENCOURT, 2010, p. 139).

Para se trabalhar a História a partir da experiência de vida do aluno faz-se necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e das lembranças. É preciso levar o aluno a descobrir novos significados e estabelecer relações com o passado, dando assim sentido às evidências culturais, o que lhe dará a noção de continuidade e de transformação.

Magalhães (apud SCHIAVON e SANTOS) ressalta que:

[...] deve-se garantir que os patrimônios já consolidados adquiram novos olhares, e que estes sejam respeitados e levados em consideração, além do fato de que novos patrimônios possam ser identificados [...] Daí a necessidade de

uma educação patrimonial que leve não à informação, mas à reflexão, ao questionamento, ao contraditório e que aproxime as comunidades do processo de decisões. (MAGALHÃES apud SCHIAVON e SANTOS, 2013, p.90)

A Educação Patrimonial proporciona a ligação do presente com o passado por meio da identificação e valorização do patrimônio, que pode ser algo muito próximo do aluno, que também faz parte da sua história. Também facilita a aquisição de conceitos e incentiva o aluno a desenvolver novas habilidades e descobrir outros significados.

Schiavon e Santos articulam que:

A Educação Patrimonial corrobora com a construção de novos olhares sobre o patrimônio cultural, sendo estes os pressupostos básicos para a execução das práticas pedagógicas e a (re)significação do ambiente escolar, constituindo-as enquanto ação cultural, a qual reconhece a elaboração da cidadania a partir da experiência direta dos bens culturais como fonte primária. (SCHIAVON e SANTOS, 2013, p.90)

A cidade de Rio Grande possui uma série de lugares que podem ser visitados, espaços estes que contam a história local. É possível proporcionar aos alunos e alunas diversas saídas pedagógicas: nas praças (Xavier Ferreira, Tamandaré, Sete de Setembro, Praça Saraiva), nos Museus (Museu Oceanográfico Prof. Eliézer de Carvalho Rios, Museu Histórico da Cidade, Museu Náutico, Museu Antártico), nas Igrejas (Catedral de São Pedro, Igreja Nossa Senhora do Carmo), no Mercado Público Municipal, nas Docas do Mercado, no Teatro Municipal do Rio Grande, na Biblioteca da Fotografia Municipal (Fototeca), na Biblioteca Rio-Grandense. Conta-se também com a Praia do Cassino, Molhes da Barra e a Ilha dos Marinheiros. Cada um destes pontos citados tem sua história, cabe aos alunos e alunas observar e perceber a importância, e assim desenvolver a consciência de valorizar e preservar cada espaço ou paisagem.

Quando o(a) aluno(a) se sente atuante, fazendo parte do meio, aprende a valorizar a cultura local e se apropria de novos saberes. No momento em que ele tem a possibilidade de se perceber como sujeito histórico a partir da realidade que o cerca, ele estará construindo a sua identidade.

A(s) metodologia(s) da Educação Patrimonial, nos últimos anos, vem/vêm se transformando substancialmente. Isso permite a difusão de outras possibilidades para a construção de práticas pedagógicas que articulem os saberes da comunidade da qual a escola faz parte e os saberes específicos por esta trabalhados. Além disso, em muitas instituições, ocorre a difusão dos conteúdos do currículo escolar em práticas pedagógicas interdisciplinares, as quais ultrapassam os limites da própria sala de aula. (SCHIAVON e SANTOS, 2013, p.63)

Aprender história desta forma se tornará mais interessante e válido para o(a) aluno(a), pois assim se apropriará do conhecimento, despertando também o sentimento de pertencimento local.

Assim, o exercício de práticas pedagógicas na escola, com base em artefatos culturais da comunidade da qual ela faz parte, é de suma importância à organicidade das reflexões para instigar o pertencimento, pois emergem da significação cultural atribuída pelos estudantes às mesmas. (SCHIAVON e SANTOS, 2013, p.89)

CAINELLE (2010, p.19), ao se referir à disciplina de História, ensinada para as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, afirma que “o ensino de história precisa se relacionar com os sujeitos que aprendem começando pela tarefa de ensinar aos alunos a sua história e o seu papel enquanto sujeitos históricos”.

Cabe ressaltar que o caminho para a preservação patrimonial passa pela valorização do patrimônio, e isso acontece quando é despertado no aluno o sentimento de identidade e pertencimento. Ao se perceber como sujeito que faz parte de uma escola, pertencente a um bairro, uma cidade, quando se sente atuante e participativo, ele passa a cuidar, respeitar, preservar.

Schiavon e Santos (2013) nos dizem que:

Considerando o espaço escolar como importante agente cultural, temos que levar em conta a importância da construção do conhecimento não apenas no meio escolarizado, mas sim considerar o espaço escolar como ambiente que permita a ação cultural conjunta entre educadores e educandos. Isso deve ocorrer em um movimento orientado à valorização da cultura local em uma posição crítica diante do patrimônio cultural. (SCHIAVON e SANTOS, 2013, p.64)

É importante despertar nos alunos o interesse pela história do lugar onde vivem, pois percebe-se a necessidade de uma integração com o seu meio, onde ele possa se tornar um participante ativo na construção dos conhecimentos históricos, para que estes façam sentido na sua vida.

Assim, a investigação e a construção do conhecimento histórico, com base em elementos da cultura local, permitem um maior envolvimento dos estudantes, uma vez que os mesmos passam a (re)significar os elementos estruturantes de sua própria cultura. A apropriação e a valorização desta teia de significados - compreendida como múltipla e plural - são fundamentais à construção da cidadania. Nessa direção, o estudo da História do município permite a problematização das relações socioambientais, a dinâmica do tecido social e a complexidade dessas dinâmicas, visto que os estudantes podem facilmente projetar as categorias trabalhadas nas práticas escolares em seu contexto experiencial, a partir de suas análises. (SCHIAVON e SANTOS, 2013, p. 87)

Valorizar os espaços culturais é valorizar a cultura local, bem como incentivar o desenvolvimento da região, definindo assim sua identidade cultural. Ao trabalharmos o ensino de história fora do espaço da sala de aula, indo a museus, praças, prédios históricos, criamos possibilidades de aprendizagem.

GRUNBERG (2000) afirma que a educação patrimonial pode:

[...] proporcionar à criança um maior contato com a criação cultural, que é um fazer contínuo da sociedade na qual a criança tem um espaço próprio, ao mesmo tempo em que lhe possibilita adquirir os instrumentos para recriar, transformar, usar e desfrutar o Patrimônio Cultural da sua região, do seu país e do mundo inteiro, preservá-lo, enriquecê-lo para participar das mudanças da cultura de hoje e do amanhã (GRUNBERG, 2000, p. 164).

É fundamental educar para conhecer. Quando conhecemos e sentimos que faz parte da nossa vida, da nossa história: cuidamos. Pelegrini fala que devemos despertar nas pessoas a consciência de que é preciso preservar o patrimônio, ela afirma que:

Torna-se cada vez mais urgente desvendarmos os mitos que envolvem o tombamento e advertirmos nossa população, a começar pelas crianças e adolescentes, sobre os procedimentos necessários para a preservação do nosso maior patrimônio: o planeta Terra e os bens culturais que o integram.

Estímulos dessa natureza suscitam o sentido de pertença desses pequenos cidadãos aos seus locais de origem, bem como a valorização de suas tradições e práticas culturais. Para tanto, convém ambicionarmos a irradiação da consciência da proteção não apenas dentro dos muros das escolas ou universidades, mas entre líderes comunitários, agentes formadores e demais cidadãos. (PELEGRINI, 2009, p.118)

É possível que os estudantes percebam a importância da preservação e compreendam seu papel ao que se refere ao futuro dos acervos. Podem também tornarem-se multiplicadores de ações preservacionistas.

A carência de materiais pedagógicos sobre a história do Município e adequados à alunos com autismo, somados as dificuldades destes alunos na interação social e na comunicação nos motivou a investir em atividades como as cartilhas e os jogos, assim como as saídas pedagógicas em alguns pontos da cidade, podendo assim trabalhar sobre o patrimônio, de uma forma atraente, saindo da rotina da sala de aula. Ao realizarmos saídas pedagógicas estamos utilizando de um recurso educacional importante, pois nos permite ultrapassar os limites da sala de aula e desenvolver o aprendizado de habilidades e temas que são necessários para a vida dos alunos. Apreçar prédios históricos, praças, monumentos, objetos de museus, são motivadores no processo de ensino aprendizagem. Uma caminhada pelo centro histórico é parte importante na aprendizagem sobre seu significado e conservação.

A necessidade de trabalhar o Patrimônio Cultural nas escolas fortalece a relação das pessoas com suas heranças culturais, estabelecendo um melhor relacionamento destas com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio, fortalecendo a vivência real com a cidadania, num processo de inclusão social. (MORAES, 2005, p.2)

É urgente mostrar à sociedade o quanto se faz necessário ter um novo olhar para o patrimônio. Pelegrini aborda sobre o papel dos professores:

Nós, educadores, precisamos difundir a ideia de que a sociedade que não respeita o patrimônio cultural e natural em toda a sua diversidade corre o risco de perder a identidade e enfraquecer seus valores mais singulares, inviabilizando o exercício da cidadania. Nesse sentido, assumimos como professores, fundamental importância na formação de nossos alunos e na profusão de informações a respeito do processo de

reconhecimento das identidade étnicas e do desenvolvimento de reflexões a propósito do significado coletivo e plural da história e das políticas de conservação. (PELEGRINI, 2009, p.118)

Ensinar história por meio do patrimônio cultural contribui para o processo de formação do conceito de identidade, desenvolvimento do sentimento de pertencimento, além de questões importantes como a preservação e valorização da memória e história local. É fundamental desenvolver nos alunos a questão do conhecimento e da apropriação dos seus valores e tradições, contribuindo para a conscientização sobre a importância do cuidado para com o patrimônio. A valorização da história local é imprescindível para o exercício da cidadania. Conceitos como pertencimento e criticidade devem ser fortemente trabalhados nas escolas. J. Pinsky e C. Pinsky (2007, p.28) nos dizem que: “nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, [...]ele, é um homem de seu tempo, e isso é uma determinação histórica.”

J. Pinsky e C. Pinsky afirmam que:

Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica”. (J. PINSKY E C. PINSKY, 2007, p.28)

Para trabalhar a história a partir do patrimônio local precisamos motivar os alunos para tal, promover a curiosidade e interesse pela atividade. Lembrar sobre a importância histórica e a necessidade de preservação e valorização, e tornar claro a responsabilidade de cada um frente ao patrimônio.

Em presença de tantas informações instantâneas que temos, não podemos deixar de apresentar aos alunos e alunas o patrimônio que dispomos. Pelegrini reforça que:

[...] as crianças, adolescentes ou os jovens aprendem a respeitar a si próprios e ao meio onde vivem a partir do contato com os indivíduos que os circundam e com as paisagens da cidade ou logradouros onde habitam. O despertar do sentido



de pertencimento das novas gerações abre as comportas da consciência da preservação. (PELEGRINI, 2009, p.47)

Diante das questões relatadas até o momento salientamos o quanto é importante o aprendizado histórico, fazendo com que esses indivíduos consigam constituir um sentido histórico para assim orientar-se na vida prática e culturalmente interpretar o mundo. O ensino da história local vai contribuir para formação do aluno como sujeito da história e não apenas como mero expectador, ensinando as crianças a respeitarem culturas variadas, ter consciência da sua própria e a considerar as consequências das suas ações.

### **3. A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO EM ESPAÇOS CULTURAIS**

A prática inclusiva dos alunos com autismo nas escolas regulares é desafiadora. A inclusão não pode ser reduzida unicamente à inserção destes alunos no ensino regular e uma prática inclusiva deve permear todo o processo educacional, bem como o envolvimento da comunidade escolar e da sociedade. O sistema escolar busca encontrar soluções que permitam o acesso e à permanência dos alunos com deficiência nas escolas regulares. Algumas instituições já mudaram sua organização pedagógica, valorizando e reconhecendo as diferenças, aceitando a inclusão e vivendo novas experiências. Que o aluno com transtorno autista seja matriculado e frequente a escola regular, esse fato, por si só, não garante o seu desenvolvimento. Um planejamento direcionado, que leve em conta as potencialidades e limites do aluno com autismo, permite ao professor promover uma aprendizagem significativa.

Segundo Carvalho (apud SCHIAVON E SANTOS):

[...] a prática educativa é processo que tem como horizonte formar o sujeito humano enquanto ser social e historicamente situado. Segundo tal perspectiva, a educação não se reduz a uma intervenção centrada no indivíduo, tomada como unidade atomizada e solto no mundo. A formação do indivíduo só faz sentido se pensada em relação com o mundo em que ele vive e pelo qual é responsável. (CARVALHO apud SCHIAVON E SANTOS, 2013, p.35)

É fundamental o reconhecimento dos ritmos e diferenças entre os alunos para que todos tenham as suas especificidades atendidas. É preciso criar novas possibilidades educativas para esses alunos. Sempre devemos acreditar no potencial cognitivo de cada um e buscar alternativas de crescimento diferenciadas. É essencial que toda a comunidade escolar esteja envolvida no processo de inclusão, que o tema seja amplamente divulgado debatido e que todos assumam as suas responsabilidades.

Incluir estes alunos e alunas na escola é importante, é uma meta a ser alcançada por todos aqueles comprometidos com o fortalecimento de uma sociedade democrática, justa e solidária, porém também precisam ser incluídos(as) socialmente, frequentando lojas, supermercados, lugares públicos, espaços culturais. A criança autista deve ocupar e fazer uso dos espaços públicos, assim como todos os cidadãos.

Falar de inclusão é falar de democratizar os diferentes espaços para aqueles que não possuem acesso direto a eles. A inclusão social é o termo utilizado para designar toda e qualquer política de inserção de pessoas na sociedade. A inclusão se dá quando levamos em consideração as diferenças, quando respeitamos a opinião dos outros e aceitamos as pessoas como elas são.

Silva diz que são necessárias ações motivadoras para que a pessoa com autismo sinta vontade de participar das atividades e assim estabeleça vínculos com os outros. A autora comenta que:

Uma pessoa com autismo sente, olha e percebe o mundo de maneira diferente da nossa. Pais, professores, profissionais e a sociedade como um todo precisam mergulhar em seu universo particular e perceber o mundo da mesma forma que ela o vê. Imbuídos deste espírito, os resultados dessa empreitada são surpreendentes e transformadores. (SILVA, 2012, p.15)

Na história do mundo, diversas formas de preconceito às pessoas deficientes ocorreram, como, por exemplo, a permissão do sacrifício de bebês nascidos com certa anomalia, no período da Roma Antiga. Contudo, o mundo contemporâneo ainda apresenta déficit de estrutura e de preparo da população para que pessoas com deficiências tenham sua inclusão social garantida, possam sentir-se parte da sociedade e nela conviver sem preconceitos. Fazem-se necessárias, portanto, alterações promovidas por governo e comunidade para que a inclusão de pessoas com alguma limitação ocorra de forma plena.

Convém enfatizar que o profissional de apoio ao professor, ou acompanhante especializado, torna-se imprescindível nesse processo de inclusão, principalmente nos casos de crianças e adolescentes com maiores dificuldades de socialização, linguagem e comportamentos repetitivos.

Pessoas com autismo necessitam de auxílio, não só nas questões pedagógicas, mas também para suprir a necessidade de atenção individualizada, cuidados na higiene pessoal e segurança, dependendo de cada caso. As crianças com autismo necessitam de orientação e apoio constantes para que possam participar de forma produtiva das atividades propostas. Apresentam algumas limitações quanto a comunicação e interação social. Alguns apresentam fobias e são sensíveis a sons e barulhos. São extremamente rotineiras e sentem necessidade de previsibilidade. Para frequentar espaços diferentes é importante que sejam previamente preparadas para tal, recebam informações, fotos, detalhes sobre os lugares. Fotos e internet são bons instrumentos para isso, pois podem mostrar imagens e dar as informações necessárias. O uso da tecnologia traz benefícios a inclusão. De acordo com Valente (1991):

O computador é o instrumento que ajuda a minimizar as barreiras entre a criança e o mundo físico, movendo os objetos, realizando o desenho ou a escrita. Ao invés de solicitar que o professor ou o auxiliar execute a atividade, a criança deve comandar o computador para que este realize a tarefa. Assim, se a criança consegue apertar uma tecla, ela pode comandar o computador para fazer praticamente tudo o que ela deseja, sem precisar pedir para as outras pessoas, e sem ser limitada pela sua dificuldade de se comunicar com o mundo das pessoas e dos objetos. (VALENTE, 1991, p.87)

Cabe aqui ressaltar a importância na organização do espaço escolar pois Brito nos lembra que:

Uma das características mais marcantes em educandos com TEA é perceptividade visual. Uma grande maioria tende a prestar atenção em cada detalhe em vez de se concentrar no todo, e consegue analisar cada detalhe que pode, ou não, escapar aos olhos de outros. (BRITO, 2014, p.44)

Portanto, quando pensamos em mostrar aos alunos espaços sociais e culturais, nos preocupamos seriamente com a organização e previsibilidade, tornando as saídas estruturadas, organizadas; facilitando a compreensão deste aluno, mostrando a ele o lugar a ser visitado, as características do local, o comportamento que deve apresentar durante a visita, o que pretendemos observar em cada lugar.

Alguns detalhes devem ser reforçados com os alunos para que possam frequentar os espaços sociais/culturais sem problemas, tais como: em museus, não devemos tocar nas peças, temos que andar, ao invés de correr, precisamos observar as informações fornecidas com atenção e, caso tenhamos acompanhamento de guia, é importante ouvir os conhecimentos passados. Saliemos também a importância em visitarmos as praças e outros prédios demonstrando cuidados necessários para a manutenção de cada ambiente, sempre enfatizando a questão da preservação e valorização do patrimônio.

Quanto à visita aos museus Bittencourt comenta que o potencial educativo destes proporciona práticas educativas diversas:

Especialistas da área destacam a importância de esclarecer os alunos sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, sendo fundamental, nessa iniciativa, mostrar que tipos de objetos são ali preservados e expostos, a fim de oferecer uma compreensão do que seja “uma peça de museu”. As explicações iniciam-se pela trajetória do objeto do lugar onde foi encontrado ou adquirido até como chegou ao museu, tornando-se então, “peça de museu”. (BITTENCOURT, 2018, p.287)

Para facilitar a participação dos alunos com autismo nestes espaços culturais, organizamos um material com fotos e informações, usando uma linguagem clara e reforçando os comportamentos desejáveis ou inadequados ao frequentar cada local.

### **3.1 Relato das experiências**

Organizar saídas pedagógicas exige uma série de fatores. Devemos levar em conta a disponibilidade do lugar onde desejamos ir, pré-agendando quando necessário; precisamos pedir autorização na escola; observar a previsão do tempo para o dia; esquematizar com outros profissionais envolvidos com o atendimento destes alunos e alunas, pois existe toda uma programação estabelecida na escola em um dia de aula.

Na escola, quando realizamos saídas ou passeios, organizamos um plano contendo a rotina de saída. Neste plano deve constar: turma, data, professoras,

alunos, horário de saída, horário do retorno, local e objetivo da visita. Para cada uma das saídas pedagógicas que fizemos foi realizado um destes planos. Não solicita neste planejamento uma avaliação de como foi a atividade, porém sempre fazemos um registro avaliando cada momento, apontando aspectos positivos e outros que podemos melhorar, criando assim estratégias para saídas futuras; este serve como nosso diário.

O projeto teve início em 2017, com uma turma de seis alunos, com idade entre 11 e 14 anos. Destes seis alunos, três frequentam a escola regular no turno oposto ao atendimento na escola especial. Estes alunos são alfabetizados e verbais. Dos outros três alunos um não é verbal, e os outros dois utilizam a fala sem função comunicativa, apenas repetem palavras ou frases fora do contexto, o que chamamos de ecolalia<sup>5</sup>.

Iniciamos o projeto buscando conhecimento sobre os lugares na internet, assistimos vídeos com informações e imagens da cidade, utilizamos a cartilha. Começamos nossas visitas indo até a Praça do Bonfim, aproveitamos o momento para observar também a belíssima arquitetura da Igreja do Bonfim. Nesta saída realizamos um piquenique na praça e conversamos sobre a importância em manter aquele espaço limpo e bem cuidado.

Nossa próxima saída foi até a Praça Saraiva, lugar onde acontecem os treinos para os jogos especiais. Foi possível observar uma grande área verde, pista para corridas e para andar de bicicleta, pracinha com brinquedos adaptados para pessoas que utilizam cadeira de rodas. Porém, o ginásio depredado chamou a atenção de um aluno. Mais uma vez ressaltamos a necessidade de cuidado para com o patrimônio da cidade. Percebemos também muito lixo jogado pelo chão, sendo que existem lixeiras dispostas pela praça.

Após longa observação de imagens, fotos e vídeos fomos no Mercado Público Municipal e em todo aquele entorno. Visitamos a Doca do Mercado, observamos os prédios antigos, fomos na Praça Xavier Ferreira, onde alguns dos alunos ficaram encantados com os monumentos, principalmente o Monumento ao Brigadeiro José da Silva Paes. O reforço para esta saída foi o combinado de que após observar cada

---

<sup>5</sup> Ecolalia é um distúrbio da linguagem onde a criança “pode repetir frases antigas gravadas em sua memória, falas de um desenho animado, ou ecoar frases que um adulto acabou de falar”. (SILVA, 2012. p.35)

lugar com conduta adequada, iríamos comer pastel e tomar refrigerante no mercado. Ainda no Mercado, fomos até o Espaço Cultural e Histórico onde fomos muito bem recebidos pelo sr. José Carlos Espíndola. Para esta saída foi realizada uma visita anteriormente sem os alunos a pedido do sr. José Carlos, que estava bastante ansioso em saber como eram estes alunos, como deveria agir, como melhor adaptar o espaço que é pequeno. No momento em que a turma chegou foi muito proveitoso, eles ouviram as informações sobre a história da cidade e observaram as miniaturas ali expostas. A dificuldade maior apresentada naquele espaço foi que não é permitido tocar nas peças, e isto teve que ser reforçado todo o tempo.

Um grupo da escola organizou uma peça de teatro intitulada: “Sustentabilidade”, que foi apresentada no Teatro Municipal. A peça que fomos assistir abordou sobre a questão do lixo e sobre o que podemos fazer para ajudar a manter um ambiente saudável. Então, aproveitamos o momento para visitar este ambiente. Enfatizamos a importância em apresentar conduta adequada para assistir à peça e não perturbar as outras pessoas. Falamos também sobre a conservação daquele prédio, que passou por uma reforma há pouco tempo. Para ir até o teatro, fomos andando pelo Canalete da Major Carlos Pinto. Neste espaço os alunos da escola tendem a realizar caminhadas diariamente, portanto é bastante apreciado por todos. Porém percebemos um acúmulo de lixo assim como falta de cuidado por parte dos administradores. Lembramos aos alunos que há algum tempo atrás o Canalete era cheio de hortênsias, o que dava uma bela vista. Vimos pessoas andando de bicicleta, e um aluno reforçou que isso não pode naquele local, como havíamos visto em nossa cartilha.

Fomos na Praça Tamandaré, aproveitando momentos de atividades alusivas a Semana Farroupilha, promovidas pelos DTGs, onde aconteceram apresentações de dança, declamação de poesias, roda de chimarrão. Foi um momento especial de culto às tradições gaúchas. Os alunos apreciaram o momento. Visitamos ainda o Coreto da Praça Tamandaré. Esta praça é a maior praça do interior do Rio Grande do Sul, e nós contamos com o privilégio de poder usufruir deste espaço tão belo. Um dos alunos lembrou que ali haviam alguns animais, que hoje não estão mais presentes. Surgiu o questionamento sobre para onde eles foram levados? Será que estão sendo bem tratados?

Uma das saídas mais apreciadas pelo grupo foi a visita ao Museu Oceanográfico e ao Museu Antártico. Os alunos observaram a exposição sobre a vida e a dinâmica do ecossistema marinho e sua relação com o meio ambiente. Observaram os painéis, maquetes e equipamentos utilizados em pesquisas oceanográficas. No Museu Antártico, contaram com um acervo formado por painéis, fotos, equipamentos sobre a Antártica e objetos utilizados pelos brasileiros que detalham a história da conquista daquele continente. Um dos alunos realizou leituras das informações em voz alta, para que toda turma pudesse se apoderar do conhecimento ali exposto.

Na Fototeca, fomos muito bem recebidos e acompanhados pela responsável pelo local, a professora Giane Atallah, que explicou cada foto, em que momento foi tirada, e sempre levando-os a observar os detalhes. Prestigiamos a Exposição: “Aos olhos de quem vê”. Fizemos fotos no painel referente a exposição. Ao sair da Fototeca, fomos convidados a prestigiar outra exposição que estava acontecendo no salão ao lado: “Consciência Negra”, e não perdemos a oportunidade e prestigiamos vários trabalhos expostos das escolas da rede. Ao sairmos do salão, circulamos pela Prefeitura Municipal e conversamos sobre as funções das pessoas que ali trabalham. Ainda fomos até o Largo Dr. Pio e no Calçadão. E visitamos também a Catedral de São Pedro, o templo religioso mais antigo do Rio Grande do Sul. Reforçamos algumas vezes sobre a conduta que deveriam apresentar durante a visita à igreja.

Aconteceu no Shopping Praça Rio Grande uma Exposição promovida pelas professoras de artes da Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi, foi um trabalho desenvolvido pelos alunos adolescentes e adultos do Centro de Convivência: “Releituras da Obra K-olho”, da artista riograndina Luciane Goldberg. Aproveitamos esta atividade e fomos prestigiar o evento, visitamos o shopping e no trajeto observamos o Pórtico da Cidade. No Shopping foi possível observar fotos antigas de diversos lugares da cidade e fazer uma relação com a atualidade.

Finalizamos nossas saídas realizando um piquenique com todos os alunos da escola, na Praça do Quartel. Estivemos também na Praça Montevideo, onde encontramos um grupo chamado “Turma do Chaves”, eles estavam fazendo uma



campanha para divulgar o Asilo de Pobres de Rio Grande <sup>6</sup> e aproveitaram para dar o recado aos alunos, abordando sobre o respeito que devemos ter para com os idosos.

Em 2018, continuamos com o projeto, porém com outro grupo de alunos, pois na escola existe um rodízio, procurando trocar turmas e professoras, possibilitando assim experiências novas para alunos e professoras e evitando que os alunos cristalizem as informações e permitindo que tenham novas referências.

O grupo foi de seis alunos com idade entre 7 e 9 anos. Destes seis, cinco estão incluídos na rede regular de ensino no contra turno. Três alunos não são verbais, um utiliza a fala sem a função de comunicar, apenas repetindo, um aluno utiliza a fala como forma de se comunicar e outro se comunica utilizando gestos ou escrevendo o que deseja. Destes seis alunos, dois estão alfabetizados. Por isso, produzimos uma cartilha com fotos e informações sobre os lugares a serem visitados e criamos outra contendo apenas recursos visuais (fotos e imagens).

Com este grupo percebemos a necessidade de começar com um projeto voltado para a família, depois trabalhamos sobre a escola, passamos a abordar questões do bairro, onde começamos a realizar as saídas no entorno da escola, para só depois darmos início ao projeto sobre a cidade. Utilizamos vídeos com informações e imagens sobre a cidade, realizamos pesquisas na internet, observamos a cartilha e imagens de cartões postais.

Ao trabalharmos sobre o bairro onde a escola está inserida, realizamos algumas saídas e aproveitamos para visitar a Praça do Quartel e a Praça Montevideo, por serem localizadas nas proximidades. Nosso objetivo foi levar os alunos a identificarem os espaços da cidade e perceberem a importância de cada um, adquirindo o sentimento de pertencimento. Observamos que neste espaço temos uma pista, a exposição de um canhão, uma âncora e um monumento em homenagem aos ex-combatentes, além do avião e outras belezas. Ressaltamos que tudo isto faz parte da nossa história, por isso a importância em preservar.

---

<sup>6</sup>. O Asilo de Pobres tem por finalidade contribuir tanto quanto possível para evitar a mendicidade pública, abrigando e sustentando, na medida dos seus recursos, pessoas de ambos os sexos, reconhecidos como indigentes e desamparados que, por velhice ou incapacidade física, se encontrem impossibilitados de trabalhar, através dos recursos legados e donativos destinados a abrigar aqueles que eventualmente se encontrem sem amparo. In: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2125/dissertao%20anacirema.pdf?sequence=1>

Nossa próxima saída foi no Mercado Público Municipal, pois acreditamos que este lugar contempla muita informação, podemos andar em seu interior apreciando a construção antiga, que já sofreu várias intervenções, apreciamos o comércio local e ao sair do mercado temos a Doca do Mercado com o comércio de peixes; temos nas proximidades a Biblioteca Pública, a Prefeitura, a Praça Xavier Ferreira e muito mais. Até então nossas saídas se davam no entorno da escola, no bairro. Ao darmos início ao projeto sobre a cidade do Rio Grande, nos afastamos bastante do nosso porto seguro: a escola. Esta saída foi de transporte escolar e basicamente conversamos durante duas semanas sobre os locais a serem apreciados. A ansiedade nos alunos e professoras era visível, enfatizando a todo o momento sobre o comportamento que deveriam apresentar em cada espaço. Nosso objetivo foi mostrar aos alunos o Mercado Público Municipal, conversamos sobre a construção, também falamos da importância visual, ambiental, arquitetônica, social, econômica e de referência urbana. Não podíamos deixar de salientar questões como a degradação. Ainda no mercado proporcionamos aos alunos um momento para fazer o lanche. Depois do lanche, onde os alunos apresentaram conduta adequada, fomos até a Banca do Peixe, onde havia comércio de peixes. Um dos alunos cobriu o nariz e preferiu não se aproximar muito. Alguns apresentam forte sensibilidade olfativa e precisamos respeitar esta limitação. Observamos de longe a Biblioteca Rio-grandense e explicamos que naquele prédio as pessoas tem acesso a muitos livros e outros materiais que contam a história da nossa cidade; seu acervo é riquíssimo e guarda obras raras. Enfatizamos que é uma das mais antigas instituições culturais do Rio Grande do Sul. Combinamos de retornar para fazer uma visita. Nos dirigimos então, a Praça Xavier Ferreira, como já era combinado. Circulamos por entre as árvores, observando os monumentos ali expostos. O que mais lhes causou interesse foi o Monumento ao Brigadeiro José da Silva Paes. Para finalizar este momento fomos até a Prefeitura, porém um dos alunos, já bastante agitado e ansioso, desorganizou-se e precisamos cancelar a visita.

Continuando nosso passeio pela história, num outro dia, fomos até a Praça Saraiva. Este espaço é bem conhecido pelos alunos, pois é nesta praça que acontecem anualmente os jogos especiais. Durante uma caminhada pela pista, conversamos sobre o quanto o ginásio da praça está destruído, depredado. Circulamos pela praça e também vimos brinquedos estragados. Abordamos mais

uma vez o quanto é necessário valorizar e cuidar o patrimônio local. Ao realizarmos estas saídas, propomos atividades diferenciadas, saindo do ensino tradicional em sala de aula. Pelegrini (2009) diz que o professor deve planejar atividades diversificadas, pois assim vai:

Estimular os seus alunos a “redescobrirem” suas histórias, memórias e identidades para que exerçam plenamente os seus direitos à cidadania. Ao fazê-lo, o professor estará realizando atividades comprometidas com as comunidades onde atuam e, quiçá, abrindo novas possibilidades para uma real inter-relação entre o ensino, a pesquisa e a aprendizagem. (PELEGRINI, 2009. p.43)

Salientamos, durante a caminhada até a Praça, a questão do lixo, pois percebemos descaso das pessoas com esta situação. Conversamos sobre o quanto gostaríamos que esta praça fosse melhor, mais bonita, bem cuidada, nos propomos a fazer uma maquete (foto em anexo) para apresentar aos colegas da escola e as famílias, durante a mostra de trabalhos que acontece anualmente. Foi um sucesso a realização deste trabalho, conseguimos o envolvimento da turma, mostrando interesse e alegria em participar da construção. Voltamos outras vezes nesta praça para olhar detalhes e assim dar continuidade a confecção da maquete.

Em setembro, dando continuidade ao projeto e aproveitando que neste período acontecem eventos na Praça Tamandaré, referentes aos festejos farroupilha, fomos até este espaço e participamos das atividades proporcionadas pelos DTGs. Esta praça é considerada a maior do interior do estado e é nela que se encontra o Monumento ao General Bento Gonçalves. Estivemos no Coreto da Praça. Aproveitando esta saída fomos até o Largo Dr. Pio e visitamos também a Catedral de São Pedro, um templo de grande valor histórico e artístico, foi a primeira igreja erguida no estado. Conversamos sobre a importância desta praça para a história da cidade, ressaltamos questões como a preservação e cuidado necessários com este patrimônio.

Ao caminharmos pelo Canalete da Major Carlos Pinto percebemos um espaço bem agradável. Em maio de 2018, a Prefeitura Municipal deu início ao processo de revitalização do Canalete. As ações começaram com as equipes da Secretaria de Município de Controle e Serviços Urbanos executando o corte de grama do local, assim como a capina, limpeza das floreiras, assoreamento e retirada

dos demais resíduos do interior do espaço, tornando o lugar mais atraente. Cabe aqui ressaltar que na visita com o outro grupo, o Canalete não tinha passado pela restauração e seu estado era de abandono.

No mês das crianças realizamos atividades diversificadas. Uma delas foi um piquenique na Praça do Bonfim, aproveitamos o momento para visitar a Igreja e apreciar sua arquitetura.

Durante nossas saídas, fomos a alguns museus na cidade. Os museus são espaços que oferecem um grande acervo, com coleções históricas, exposições diversas de acordo com a sua coletânea. Schmidt e Cainelli (2004) falam sobre o significado pedagógico de uma visita ao museu:

O museu pode ser considerado uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É uma instituição aberta ao público, a qual adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe evidências materiais do homem e de seu ambiente para fins de pesquisa, educação e lazer. Nesse sentido, o museu tem grande significado pedagógico, e as visitas de estudo nele realizadas adquirem importância no ensino da História. Uma visita ao museu é condicionada pelos aspectos relacionados com a escola e com aqueles próprios do museu. (SCHMIDT e CAINELLI, 2004, p.122)

Quando começamos trabalhando sobre o Museu Oceanográfico, observando fotos, imagens e lendo informações a respeito, percebemos interesse dos alunos. Ao visitarmos o Museu Antártico e o Museu Oceanográfico vimos uma grande empolgação, demonstrando agitação, ansiedade, alegria. Durante a visita tivemos uma guia nos acompanhando e explicando cada detalhe, inclusive sobre o cuidado que deveriam ter, evitando tocar nos objetos ali expostos. Uma visita monitorada acrescenta muito ao trabalho pois o guia é a pessoa apta a fazer colocações importantes e tirar dúvidas, quando surgirem. Percebemos a carência destas pessoas em outros lugares por onde passamos. No Museu da Cidade do Rio Grande - Coleção Histórica - também tivemos o acompanhamento de uma guia. Este museu, quando agendamos a visita anteriormente, entrou em contato buscando informações de como eram os alunos e quais condutas poderiam ter para tornar a visita agradável e produtiva. Durante a visita fomos orientados a apreciar cada peça sem tocar. Ao chegarmos recebemos um folder (em anexo) dando todas as

orientações por escrito e com desenhos ilustrativos, de forma clara, da postura adequada ao frequentar aquele espaço. No folheto é enfatizado que a manutenção das peças do museu depende dos nossos cuidados e que nós devemos cuidar de todos os bens culturais da cidade. Cada aluno recebeu um folder informativo para levar para casa, podendo assim estender estas informações aos familiares.

Nos museus, assim como no ambiente escolar, temos a possibilidade de propagar as ideias de preservação e valorização do patrimônio. Os alunos podem se tornar agentes multiplicadores destas ideias e levar para casa conhecimentos que mobilizem seus familiares a também dar valor aos espaços importantes de nossa cidade.

No Museu Náutico não conseguimos realizar visitação, pois não abre no turno da manhã, nem mesmo com agendamento. Mas visitamos o Museu do Porto. Neste, não recebemos nenhum tipo de informação. Apenas abriram a porta e permitiram a entrada. Foi uma volta bastante rápida, pois o espaço não tem boa iluminação, tornando-se escuro e pouco atrativo para crianças. Um dos alunos resistiu para entrar, então para evitar que se desorganizasse, prometemos que seria rápido.

Um museu que tem um espaço pequeno, mas conta com um rico acervo de materiais como miniaturas e maquetes, é o Espaço Cultural e Histórico de Rio Grande, localizado dentro do Mercado Público. Neste museu contamos com as valiosas informações do sr. José Carlos Espíndola, idealizador do museu, pessoa que confeccionou cada uma das peças ali expostas juntamente com seu irmão. Porém a turma estava agitada e com pouca tolerância para permanecer no local, além do fato de não ser permitido tocar nas peças. Nossa visita foi bastante rápida. Fomos então para a Biblioteca Monteiro Lobato, onde já havíamos agendado horário para visita. Ao chegarmos, fomos muito bem recebidos e a turma demonstrou grande interesse pelo espaço, explorando os livros e materiais, que já estavam separados, com atenção e cuidado, conforme combinado em sala de aula. Tivemos apenas um episódio de desorganização, quando um menino tentou organizar os livros e um deles caiu, e então ele jogou todos pelo chão. Mas como isto acontece por vezes em sala de aula, esperamos acalmar e o aluno juntou os livros do chão e o ajudamos a organizar. Cabe aqui ressaltar que a turma não queria ir embora da Biblioteca, precisamos prometer que voltariam com as mães, pois já estávamos no final do ano letivo.

O Teatro Municipal foi um dos últimos lugares que visitamos. E foi um lugar bastante especial, pois para finalizar o ano letivo, foi organizado pelas professoras da escola especial um grande evento: uma peça de teatro cujo o enredo falava da história da cidade. Nome da peça: Malu na Cidade Com vida: Rio Grande. A peça abordou sobre questões como o uso desenfreado da tecnologia, o consumismo, a poluição, o desmatamento. E no final da história é descoberta a fórmula da vida, e aparecem lugares, costumes da região e criaturas fascinantes. Todo o cenário da peça mostra imagens de Rio Grande. Foi um espetáculo de superação, onde todos os alunos e alunas participaram superando seus medos e fobias. O teatro lotou e era visível a emoção em cada rosto após o espetáculo.

Finalizamos por aqui nossa rota de saídas de campo, porém está longe de esgotar os lugares que ainda poderemos apreciar. Rio Grande é uma cidade com muitas histórias, muitos hábitos, saberes, fazeres, porém para além dos espaços consolidados, existem vários outros, maiores ou menores, mas com a mesma importância.

### **3.2. Os produtos produzidos para auxiliar na realização do trabalho: uma cartilha para alunos com autismo e uma cartilha em Braille (em anexo)**

Quando se pensa em trabalhar com este público (pessoas com autismo), é importante que se busque meios que facilitem sua inserção e interação nos espaços culturais. Para tal, é necessário entender seus comportamentos e limitações, para só então partirmos para a prática, ou melhor, as saídas pedagógicas. Sabendo que pessoas portadoras desta síndrome tem algumas restrições com barulhos, sons altos, se desorganizam diante de mudanças bruscas em sua rotina e na falta de previsibilidade em suas atividades, buscamos organizar uma cartilha dando orientações sobre os lugares a serem visitados, contendo curtas informações, fotos ilustrativas e dicas sobre os comportamentos adequados ou não para frequentar determinados ambientes. Tudo isso serve para organizar a mente de uma pessoa

que apresente a síndrome do autismo. Naoki Higashida<sup>7</sup> (2014, p.108) diz que: “o que o próximo momento nos reserva nunca deixa de ser uma enorme preocupação”.

Sabendo das limitações dos(as) alunos(as) com autismo em frequentar espaços desconhecidos, pois sentem-se inseguros(as) diante da imprevisibilidade e quando saem de sua rotina, foi necessário organizar um material específico para posteriormente realizar os/as passeios/saídas pedagógicas. O material, em forma de cartilha, contendo fotos e informações sobre os lugares a serem visitados permite uma organização por parte dos(as) alunos(as), dando previsibilidade e consequentemente despertando neles(as) o sentimento de segurança. Foi possível também buscar outras informações a respeito de cada lugar utilizando a internet, nas oficinas de informática. Naoki Higashida (2014, p.77) pensa sobre o que precisa fazer e depois visualiza como fazê-lo. Por isso a importância das informações e da fotografia como recurso para o ensino de história, Soares (apud CERQUEIRA) salienta que:

[...] é pertinente afirmar que a fotografia, como documento de memória visual, constitui-se como um bem tangível de caráter universal e móvel capaz de organizar códigos de conduta e orientação por sua capacidade documental. Além de tornar o passado ‘disponível’ para a ‘visitação’ simbólica e interpretativa, o registro fotoquímico é elemento de motivação/reflexão pelo qual o sujeito passa a construir/desconstruir sua experiência, além de passar por um filtro cultural que envolve seu produtor e espectador. (SOARES apud CERQUEIRA, 2008, p.43)

A carência de material didático pronto para ser utilizado em sala de aula necessita ser superada para que isto não seja um obstáculo ao ensino da história local. Dispomos da internet, de livros, vídeos, entre outros, mas precisamos de algo mais específico para trabalhar com alunos com autismo, para tal buscamos a organização da cartilha contendo apenas fotos ou também informações escritas sobre os lugares a serem visitados.

---

<sup>7</sup> Naoki Higashida nasceu em 1992 e foi diagnosticado com ‘tendências autistas’ em 1998. Depois disso passou a frequentar escolas para estudantes com necessidades especiais, formando-se em 2011. Já publicou diversos textos de ficção e não ficção e ganhou prêmios literários. Ele também dá palestras sobre autismo e mantém um blog. Sofre de autismo severo e apresenta dificuldades de se comunicar e socializar. Com ajuda da mãe e uma professora aprendeu a se comunicar apontando as letras em uma espécie de teclado de papelão. Com apenas treze anos Naoki escreveu *O que me faz pular*, um relato que explica o comportamento muitas vezes desconcertante de pessoas com autismo. (HIGASHIDA, 2014)

O material produzido para facilitar o entendimento dos alunos e alunas aborda sobre a história da cidade, já que percebemos uma carência de materiais pedagógicos que auxiliem o professor a trabalhar a história do município. Portanto os professores e professoras precisam recorrer a internet ou realizar passeios/saídas para poder mostrar aos alunos e alunas o que tem na cidade, como tem mudado a cada ano, a cada momento, e os livros didáticos deixam a desejar, já que focam nos grandes heróis e nos acontecimentos marcantes.

A cartilha produzida propõe aos alunos e alunas uma orientação, mostrando os locais que serão visitados e apontando comportamentos adequados para visitar o local e as condutas consideradas inadequadas para frequentar os lugares. Esta cartilha poderá ser utilizada por outras turmas da escola.

Além da cartilha que contém informações escritas sobre os locais a serem visitados, construímos também uma apenas com recursos visuais, para aqueles alunos que ainda não leem. Ambas apresentam imagens apontando condutas adequadas ou não durante as saídas.

A cartilha conta com uma série de lugares, espaços, prédios históricos, mas cabe ressaltar que Rio Grande é uma cidade histórica, é a mais antiga do Rio Grande do Sul, guarda memórias, narrativas e curiosidades. Muitos acontecimentos marcaram a história desses lugares. Vários outros lugares e espaços que não foram contemplados na cartilha podem e devem ser explorados; temos museus com acervos riquíssimos, a Praia do Cassino, os Molhes da Barra de Rio Grande, a Estação Ecológica do Taim, o Eco Museu da Ilha da Pólvora, entre outros; porém ao selecionarmos apenas alguns e não outros, levamos em conta as possibilidades, questões como distância e tempo para deslocamento. Precisamos prever que em caso de desorganização de um aluno, devemos retornar a escola ou pedir apoio imediatamente. Higashida (2014) nos conta o que sente quando se desorganiza:

Mas controlar minhas emoções em tais situações é quase impossível pra mim [...] não consigo distinguir a reação certa da errada. Tudo o que sei é que preciso escapar daquela situação o quanto antes para não me afogar. E faço o que puder para fugir. Chorar, gritar, atirar coisas, até mesmo espernear e bater... (HIGASHIDA, 2014, p.72-73)



Pensando em possíveis episódios de desorganização dos alunos é que selecionamos lugares mais próximos para realizar as saídas pedagógicas.

Buscando outras formas de divulgar estes lugares de história da cidade, e também refletindo sobre a inclusão social, pensamos em criar uma cartilha em Braille, privilegiando também os alunos cegos. Este trabalho foi realizado em parceria com profissionais da Escola Especial José Alvares de Azevedo, em Rio Grande/RS, escola que atende alunos cegos e com baixa visão, onde as professoras Leda Inocencia Telles Pfarrius e Rosangela da Silveira Fossati, assim como a Diretora Glaucia Pinho acolheram ao projeto, visto que a escola visa a inclusão social dos seus alunos e proporciona situações diárias de inserção de seus discentes na sociedade. Na cartilha em Braille foram removidas as imagens, ficando apenas com as letras em Braille<sup>8</sup>.

### **3.3 Atividades pedagógicas produzidas envolvendo o patrimônio cultural**

Na escola onde o projeto foi desenvolvido, os alunos e alunas realizam atividades propostas pelo programa Teacch. Existe um currículo individualizado e um plano com uma programação diária para cada educando, partindo do pressuposto de que cada indivíduo é diferente. Brito (2014, p.42) diz que “uma das maiores vantagens de se trabalhar com o programa Teacch é estruturar todo o ambiente para receber o educando com TEA, o que facilita, em muito, a sua vida e a do educador”.

Silva (2012, p.218) explica que o Teacch “trata-se de um programa que combina diferentes materiais concretos e visuais, que auxilia as crianças a estruturarem o seu ambiente e a sua rotina”. Assim, existe o preparo do espaço, materiais e atividades que ajudam a criança a se organizar, possibilitando o máximo de autonomia.

---

<sup>8</sup> O sistema Braille é um processo de escrita e leitura baseado em 64 símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos cada. Pode-se fazer a representação tanto de letras, como de algarismos e sinais de pontuação. Ele é utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão, e a leitura é feita da esquerda para a direita, ao toque de uma ou duas mãos ao mesmo tempo. O código foi criado pelo francês Louis Braille, que perdeu a visão aos três anos de idade e criou o código aos dezesseis. In: <https://novaescola.org.br/conteudo>

Baseado no fato de crianças autistas serem frequentemente aprendizes visuais, o Teacch traz uma clareza visual ao processo de aprendizado buscando a receptividade, a compreensão, a organização e a independência. A criança trabalha num ambiente altamente estruturado que deve incluir organização física dos móveis, áreas de atividades claramente identificadas, murais de rotina e trabalhos baseados em figuras e instruções claras de encaminhamento. A criança é guiada por uma sequência de atividades muito clara e isso ajuda que ela fique mais organizada e apresente melhor rendimento.

Nestes ambientes estruturados os alunos realizam trabalhos (como são nomeados) com objetivos diversos, de acordo com as habilidades/dificuldades de cada pessoa. O importante é que este jogo ou trabalho deixe claro para o aluno o que deve fazer, com início, meio e fim (cesto do acabou), sendo sempre as atividades realizadas da esquerda para a direita, e de cima para baixo.

As atividades aqui realizadas são organizadas em pastas (em anexo), contendo do lado esquerdo um envelope, ou apenas um velcro, com as figuras ou palavras, ou ainda frases, e o aluno ou aluna deverá relacionar com o desenho ou imagem apresentada do lado direito da pasta. Todas as pastas contém fotos ou imagens de lugares históricos da cidade. Uma outra atividade proposta, são os quebra-cabeças, onde o aluno ou aluna poderá montar tendo apoio visual ou não. Cabe ressaltar que o número de peças vai variar de acordo com a habilidade de cada um(a), podendo ter apenas duas partes ou mesmo dez.

Ao concluir as atividades, o aluno ou aluna deverá colocar a pasta feita e fechada dentro de um cesto, que fica do lado direito da mesa de trabalho. Um ambiente organizado é fundamental para um autista, dando segurança e previsibilidade do tempo que o aluno ou aluna levará para realizar o que lhe foi proposto. Importante lembrar que neste momento a presença e supervisão do professor se faz necessária observando se o aluno está atingindo o objetivo, pois se não estiver, deve-se intervir imediatamente, para não reforçar o erro.

Considerando que o autismo faz com que a criança aprenda de uma maneira peculiar, torna-se lógica a ideia de que seus materiais e os procedimentos de ensino sejam também diferenciados.

Com a organização das pastas, contendo registros, fotos, imagens de Rio Grande, possibilitamos aos estudantes, a memorização do nome e da imagem dos lugares visitados, para assim, posteriormente, ao passar por estes espaços, possam interagir com outras pessoas relatando ou apenas demonstrando que já estiveram ali, que fazem parte da história de Rio Grande, mostrar que são pertencentes a esta cidade e que valorizam e preservam o patrimônio. As atividades são confeccionadas utilizando pastas de exames reaproveitadas para tal. São forradas com folha branca e plastificadas com papel contact para maior durabilidade. As figuras e imagens são retiradas da internet, fotografias ou cartões postais. Para colar as figuras, nomes, frases ou montar os quebra-cabeças utilizamos velcro, assim podemos mudar as figuras e imagens de lugar, pois os autistas são visuais e memorizam as pastas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho aqui desenvolvido é fruto de uma constante busca de melhor qualidade na educação. Estudos sobre o tema passaram da psicologia à neurologia e à genética, graças às várias pesquisas e estudos realizados. Sabe-se que pessoas com autismo necessitam visualizar, tocar, sentir para aprender, para realmente entender o que lhes é ensinado. Quem tem autismo apresenta grande dificuldade para entender ironias, abstrações, suposições. Buscamos, cada vez mais, aproveitar os pontos fortes das crianças com autismo, e não centrar-se apenas em suas fraquezas.

O projeto foi desenvolvido em 2017 e 2018, numa escola de educação especial, na Cidade do Rio Grande/RS, com uma turma com seis alunos, com idade entre 11 (onze) e 14 (quatorze) anos, no ano de 2017. Destes seis (6), três (3) estão incluídos em escolas da rede regular de ensino e recebem atendimento no contra turno neste estabelecimento. Os outros três (3) frequentam apenas a escola especial. E em 2018, o projeto teve continuidade com uma turma de seis alunos, com idade entre sete (7) e nove (9) anos, 5(cinco) alunos estão incluídos em escolas regulares, 1(um) frequenta apenas a escola especial.

Quando se pensou em desenvolver um projeto para alunos(as) com autismo, sobre a cidade do Rio Grande, não se imaginava que toda a escola estaria engajada em participar do trabalho, visto que em 2017 Rio Grande completou 280 anos, e surgiu toda uma programação proposta pela Secretaria de Município da Educação (SMEd) a ser realizada não só em nossa escola, mas em todas as escolas da rede municipal de ensino.

Ainda na primeira semana de aula, em março de 2017, um aluno, com a participação dos outros da sala, produziu um pequeno texto sobre a cidade, onde abordou sobre as praças, o Porto, o comércio da cidade. O aluno criou a história, que foi digitada posteriormente na sala de informática, já que tem dificuldades para escrever. Levou em consideração, ao criar a história, lugares que considera interessantes e que mais aprecia.

Partindo destas atividades realizadas na escola, onde foram expostos os trabalhos dos alunos e alunas, conseguimos conversar e escolher alguns lugares onde poderíamos realizar algumas saídas pedagógicas. As praças e o Museu Oceanográfico parecem ser os lugares que mais agradam aos estudantes. Porém associam as praças a brincar, se divertir, sem saber acontecimentos passados em cada lugar; é importante saber a história de cada uma, partindo do seu nome. Nossas praças tem muito a nos contar, com seus monumentos e espaços arborizados. Surgiu também interesse pela Catedral de São Pedro, por ter sido a primeira igreja erguida no estado (a mais antiga do estado do Rio Grande do Sul).

Então, trabalhamos sobre a história da cidade, buscando os locais que contam esta história tão rica em detalhes. Para tal, realizamos saídas/visitações a locais importantes que contam a história do Rio Grande, e registramos por meio de fotos cada momento e local.

Sabendo-se que alunos(as) com autismo desorganizam-se ao sair da rotina, muitas vezes, deixa-se de realizar passeios e saídas da escola. Com o projeto, foi possível despertar o interesse nos alunos e alunas em conhecer locais, fatos e curiosidades sobre o Município, valorizando a cultura local; proporcionando momentos de interação e socialização. Os alunos e alunas se sentiram motivados a participar dos passeios e visitas, e assim perceberam-se como sujeitos pertencentes à cidade, como seres atuantes na sociedade.

Utilizamos a cartilha (anexo) contendo informações e fotos dos lugares a serem visitados e assim demos previsibilidade e segurança à turma. Nesta cartilha também oferecemos orientações sobre os comportamentos esperados ou inadequados para realizar as saídas pedagógicas. Foi possível também, dividir a cartilha com outras turmas, promovendo assim o compartilhamento de práticas entre professores, fortalecendo vínculos e estimulando a troca entre pares.

A inclusão destes alunos com autismo em espaços culturais nos mostrou que todas as pessoas são capazes, independente das diferenças. O que precisamos é de respeito, aceitar cada um do jeito que é. David Mitchell (apud HIGASHIDA, 2014, p. 14), ao escrever a introdução do livro de Higashida, disse ter percebido que “encerrada no corpo aparentemente incapaz do autista, está uma mente tão curiosa, perspicaz e complexa quanto a sua, a minha e a de qualquer um”.

A escola como um todo, vem construindo possibilidades aos seus alunos no que diz respeito ao atendimento pedagógico e ao acesso à cultura, proporcionando

reflexões na comunidade que visem o respeito às limitações de cada pessoa. Buscamos valorizar as potencialidades dos nossos alunos e diminuir as barreiras e obstáculos que surgem pelo caminho. Com o projeto desenvolvido, trabalhando o patrimônio local e a inserção dos alunos com autismo nos espaços sociais/culturais, estamos possibilitando desenvolver um olhar de valorização e respeito pela história do Rio Grande, e assim, os alunos se sentem incluídos na construção histórica e ao mesmo tempo têm a oportunidade de desenvolver sua identidade através de elementos históricos que fazem parte do seu cotidiano. Percebendo a necessidade de um ensino de história dado de forma mais significativa, procuramos a partir da execução desse projeto, contribuir para melhorar a prática docente com intuito de desenvolver nos estudantes a consciência do seu papel enquanto sujeito histórico, e, espera-se que através desses novos conhecimentos adquiridos pelos estudantes sobre a história da sua cidade, desenvolver nos mesmos atitudes de valorização e preservação do patrimônio histórico local, bem como, fomentar o sentimento de pertencimento e torná-los cidadãos participativos e conscientes do seu papel na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

O projeto trata da inclusão de crianças com autismo em lugares considerados “clássicos” em Rio Grande, não desconsiderando é claro outros lugares que aqui não foram enfatizados, e que também são de extrema importância na história da cidade, porém cabe ressaltar que buscamos locais acessíveis a estes alunos e alunas. Não se trata de contemplar os prédios e praças, mas também os elementos culturais, as memórias das pessoas, retomar emoções, valorizar os costumes, as formas de expressões, os modos de viver de cada uma, os saberes. A história local traz uma nova perspectiva para o ensino de história valorizando a historicidade das pessoas comuns.

Em 2017 foi possível visitar 22 (vinte e dois) lugares em 9 (nove) saídas. Não conseguimos agendar um horário na Biblioteca Rio-Grandense, apesar das várias tentativas. Também não fomos no Museu Náutico e Museu do Porto, por falta de ajuste nos horários. Mas visitamos a Fototeca e prestigiamos uma belíssima exposição: “Aos olhos de quem vê”.

Em 2018, realizamos 12 (doze) saídas, e visitamos 24 (vinte e quatro) lugares. Não conseguimos ir na Praça Sete de Setembro, Porém, fomos a outros

espaços que não estavam previstos de acordo com a cartilha, como no Museu da Cidade, na Igreja do Bonfim, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora.

Ao desenvolver o projeto percebemos que nossos objetivos foram alcançados a partir do momento que os alunos participaram das diferentes etapas propostas, como pesquisas sobre os lugares, leituras, saídas aos locais estudados, realização de desenhos após as visitas. Alguns momentos importantes registraram o quanto o trabalho surtiu efeito em suas famílias, quando tivemos relatos das mães, informando a alegria e satisfação de seus filhos em ir aos museus, nas praças, na biblioteca, lugares estes que não eram percebidos pelos alunos antes das atividades e saídas. Ao finalizar o projeto, diante do material produzido pelos discentes, fica claro que as aulas e as saídas, tiveram um sentido, pois, em vários desenhos produzidos por eles, notamos que conseguiram mostrar suas leituras dos locais trabalhados.

Com a execução do projeto, pudemos constatar que a cada dia os estudantes foram se interessando e se identificando com a história da cidade do Rio grande. Eles puderam conhecer mais da sua historicidade local e perceberam que os elementos trabalhados no projeto faziam parte do seu patrimônio histórico local e, ao mesmo tempo, da sua vida cotidiana, embora não lhes dessem o devido valor.

Sendo assim, ao se trabalhar com a abordagem da história local com esses grupos de estudantes, percebemos manifestações de orgulho, de reconhecimento, despertamos nos alunos o sentido de pertencimento pelos espaços. Assim como também o sentimento de valorização daquilo que faz parte da sua história e respeito pelos costumes, pelos saberes, pela cultura do outro e pela sua própria cultura.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

\_\_\_\_\_. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12764 de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: Planalto, 2012.

BRITO, Anita. **Meu filho era autista: a história real de um garoto que nasceu autista e aprendeu a viver em dois mundos**. São Paulo: Edição do Autor, 2012.

BRITO, Anita; SALES, Nicolas Brito. **Tea e inclusão escolar: um sonho mais que possível**. São Paulo: Edição do Autor, 2014.

CAINELLI, Marlene. **O que se ensina e o que se aprende em História**. In: OLIVEIRA, Margarida Dias. **História: ensino fundamental – Brasília: MEC, 2010**.

CALLAI, Helena C. et.al. **O estudo do município e o ensino de História e Geografia**. Ijuí: Unijuí, 1988.

CAMARGOS JR., Walter (Colaboradores). **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio**. Brasília: Ministério da Justiça, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, AMES, ABRA, 2002.

CESAR, Willy. **A cidade do Rio Grande: do big bang a 2015**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

\_\_\_\_\_. **Autismo na escola**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

FACION, José Raimundo. **Transtornos invasivos do desenvolvimento associados a graves problemas do comportamento: reflexões sobre um modelo integrativo**. Brasília: Ministério da Justiça, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu e PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.



GATTINO, Gustavo Schulz. **Musicoterapia e autismo**: teoria e prática. São Paulo: Memnon, 2015.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista**: pensando através do espectro. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GRUNBERG, Evelina. **Educação Patrimonial**: utilização dos bens como recursos educacionais. Cadernos do CEOM, Chapecó, SC, Argos, nº12, 2000, pp.159-180.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizados. 13.ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HIGASHIDA, Naoki. Tradução de Rogério Durst. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KLIN, A. **Autismo e Síndrome de Asperger**: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria. São Paulo: v.18, 2006.

MORAES, Allana Pessanha de. **Educação patrimonial nas escolas**: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural. Disponível em: [http://www.cereja.org.br/arquivos/upload/allana\\_p\\_moraes\\_educ\\_patrimonial.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos/upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf)

NASCIMENTO et.al. Maria Inês Correa. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5 American Psychiatric Association. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

PEETERS, Theo. **Autismo**: entendimento teórico e intervenção educacional. Tradução Viviane de Leon et.al. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1998.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROTTA, Newra Tellechea et.al. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SALES, Gutemberg Martins de Sales. **Neurociência num Estudo Sobre o Autismo**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 07, Vol. 04, pp. 5-19, Julho de 2018. ISSN:2448-0959

SALVADOR, Nilton. **Autismo**: deslizando nas ondas. Porto Alegre, RS: AGE, 2000.

SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO (Rio Grande). **[Informações sobre a escola] EMEE Maria Lucia Luzzardi**. [2018]. Disponível em: <[http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?page\\_id=4550](http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?page_id=4550)>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SCHIAVON, Carmem G. Burgert; SANTOS, Tiago dos. **Patrimônio, ambiente e ensino em Rio Grande**: elementos para interpretação e valorização dos bens culturais. Rio Grande: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

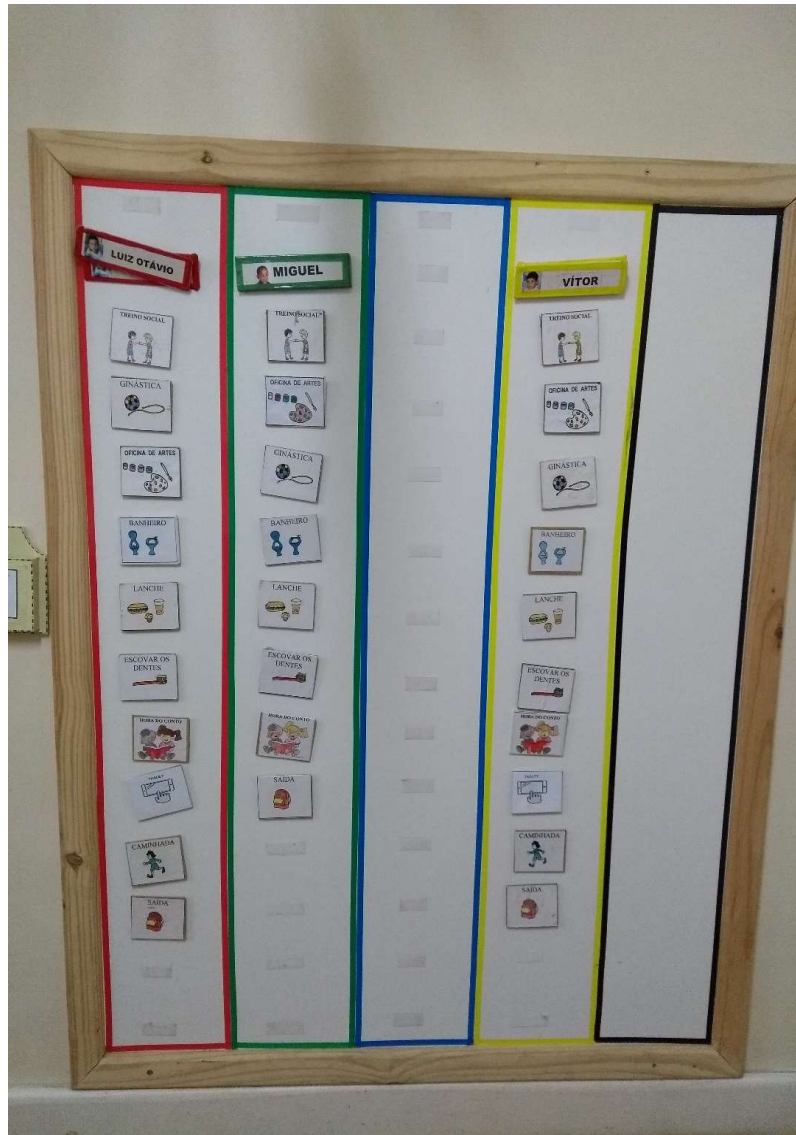
SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SZABO, Cleusa Barbosa. **Autismo em questão**. São Paulo: Angelara, 1996.

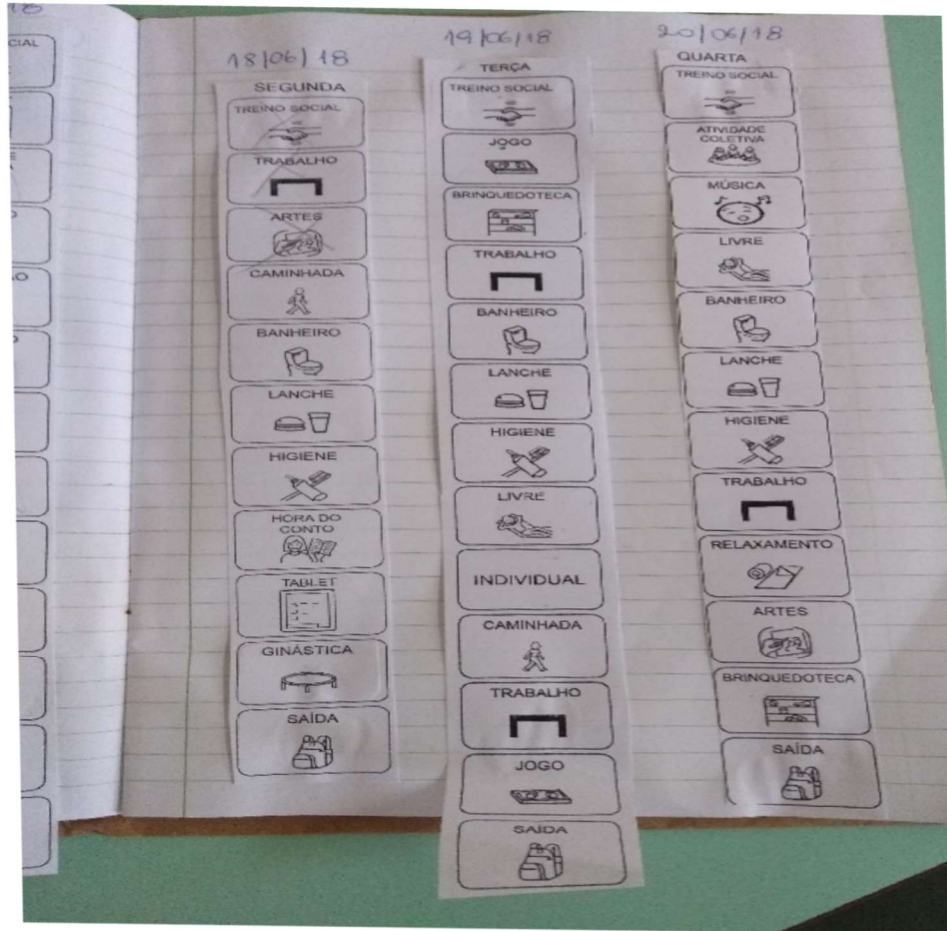
VALENTE, J. A. **Liberando a mente**: Computadores na educação especial. Campinas: Graf. Central da Unicamp, 1991.

**ANEXOS** – Fotos que ilustram os materiais e espaços usados para o desenvolvimento das atividades

**MURAL: CARTÃO FIGURA-PALAVRA**



### MURAL: AGENDA FIGURA-PALAVRA



**MURAL: AGENDA PALAVRA**

27/06/2019

QUINTA	
TREINO SOCIAL	
ATIVIDADE COLETIVA	
JOGO	
GINÁSTICA	
BANHEIRO	
LANCHE	
HIGIENE	
HORTA E RECICLAGEM	
TRABALHO	
TABLET	
TRABALHO	
RECREAÇÃO	
SAÍDA	

28/06/2019

SEXTA	
TREINO SOCIAL	
TRABALHO	
BRINQUEDOTECA	
BANHEIRO	
LANCHE	
HIGIENE	
TRABALHO	
JOGO	
RECREAÇÃO	
CAMINHADA	
TRABALHO	
LIVRE	
SAÍDA	

## AMBIENTES DE TRABALHO

MESA DE TRABALHO / AUTONOMIA: ENCAIXAR PARTE DA FIGURA (CENTRO HISTÓRICO)



MESA DE TRABALHO/AUTONOMIA: RELACIONAR FRASE COM A IMAGEM



## ATENDIMENTO INDIVIDUAL (LUGARES HISTÓRICOS DE RIO GRANDE)



# MAQUETE DA PRAÇA SARAIVA







## FOLDER DO MUSEU DA CIDADE DO RIO GRANDE

**NÃO ESQUEÇA TODA PEÇA DO MUSEU DA CIDADE DO RIO GRANDE FAZ PARTE DA NOSSA HISTÓRIA.**

**ESTES ITENS SÃO IMPORTANTES, LEMBRE-SE DELES. A MANUTENÇÃO DAS PEÇAS DO MUSEU DEPENDE DOS NOSSOS CUIDADOS. VISITE EXPOSIÇÕES DE MUSEUS E AJUDE NOS CUIDADOS DE TODOS OS BENS CULTURAIS DA CIDADE.**

**VISITANDO UM MUSEU**

CUIDADO A MUSEU NÃO BATE NAS PEÇAS

**MCPG**  
MUSEU DA CIDADE DO RIO GRANDE




**APRECIE CADA PEÇA DO MUSEU SEM TOCAR COM AS MÃOS OU OUTRO OBJETO QUALQUER.**

**OBSERVE EM CADA PEÇA:**

- A SUA DENOMINAÇÃO,
- A SUA FORMA,
- A TÉCNICA UTILIZADA,
- O MATERIAL QUE ESTÁ SERVINDO DE BASE PARA A ESTRUTURA DA PEÇA.

**ADMIRE LENTAMENTE CADA PEÇA DO MUSEU.**

**LEIA AS LEGENDAS DE CADA PEÇA.**

ARTE: MAX ZEMER






**CARTILHA (CAPA)**

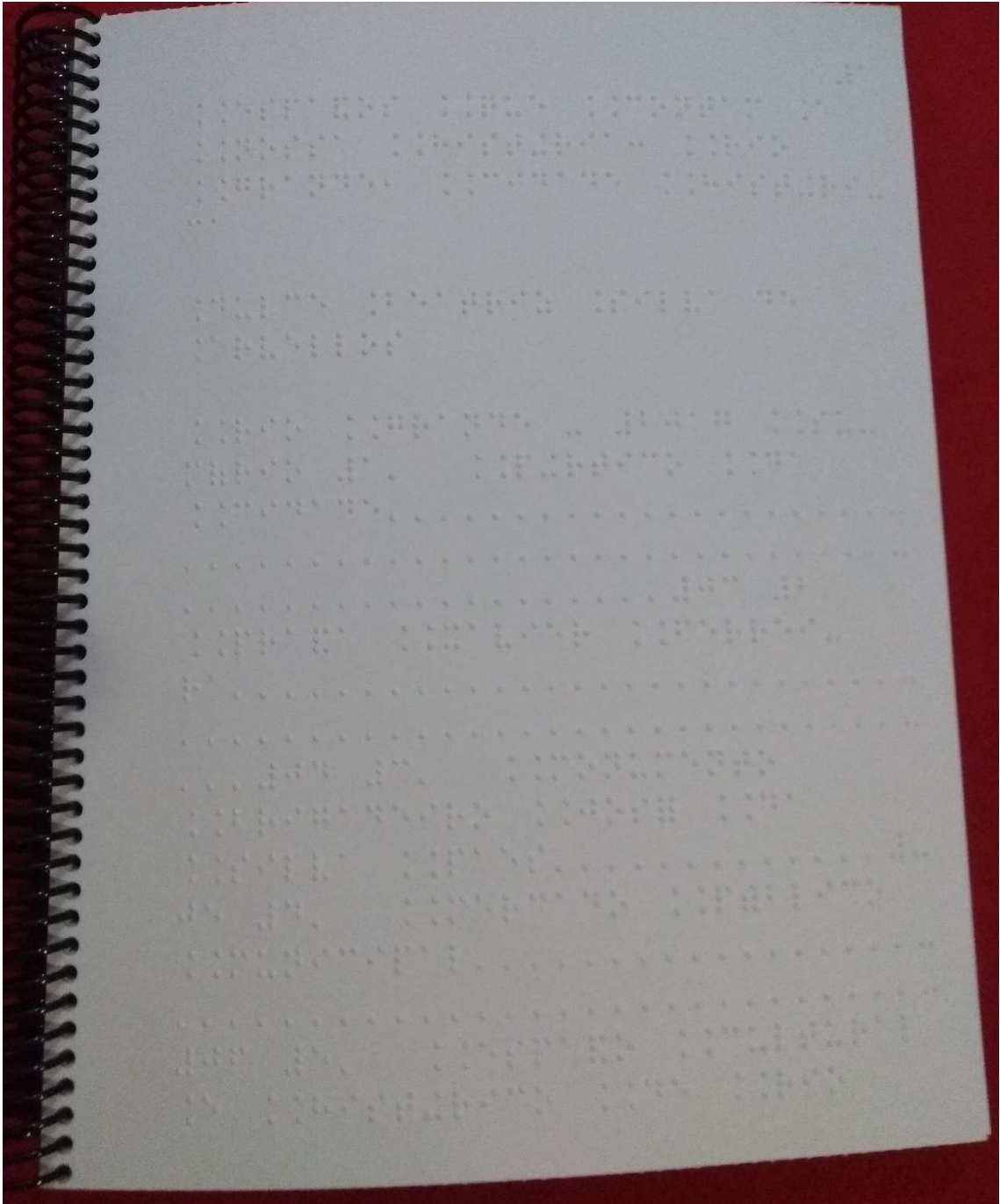


**ESPAÇOS QUE CONTAM A  
NOSSA HISTÓRIA:  
RIO GRANDE,  
CIDADE HISTÓRICA**

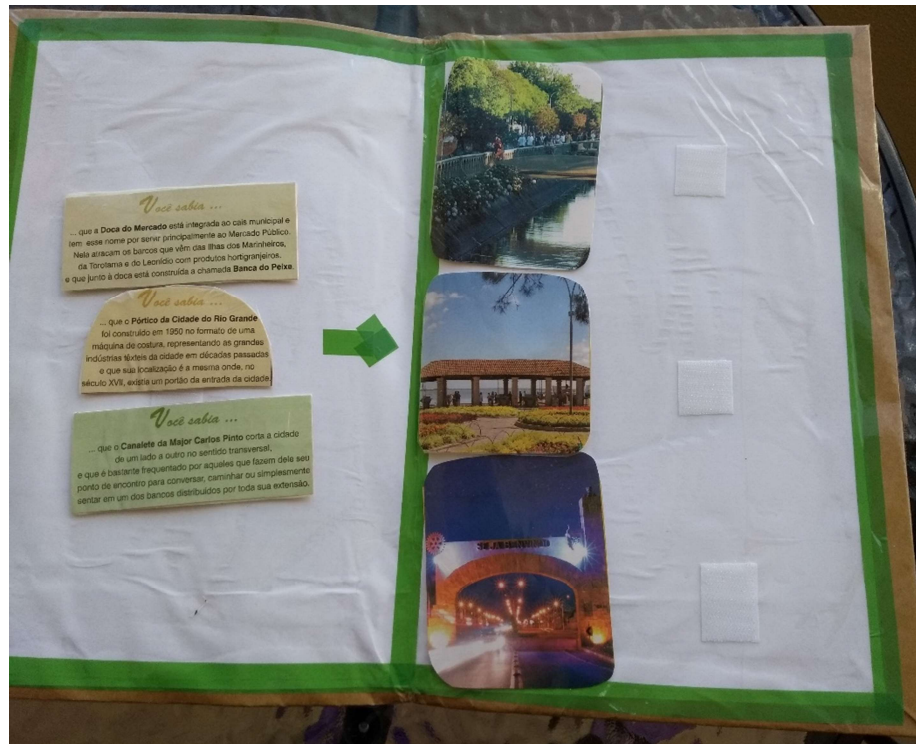
Dulce Beatriz Silva de Arvellos

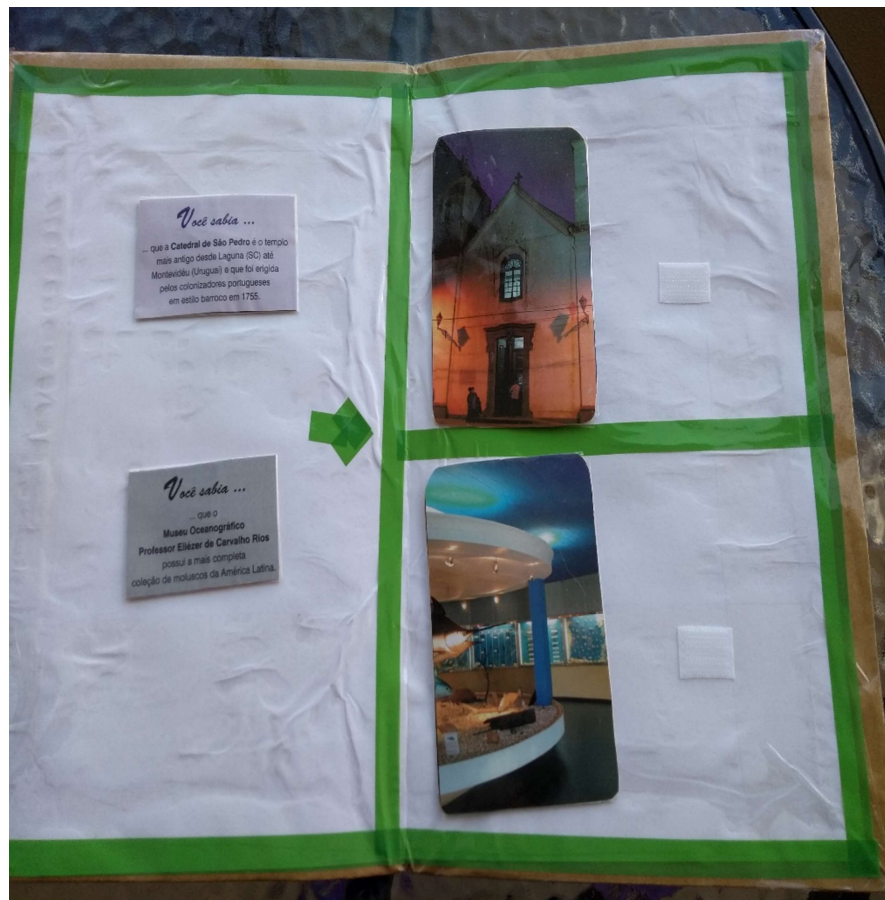
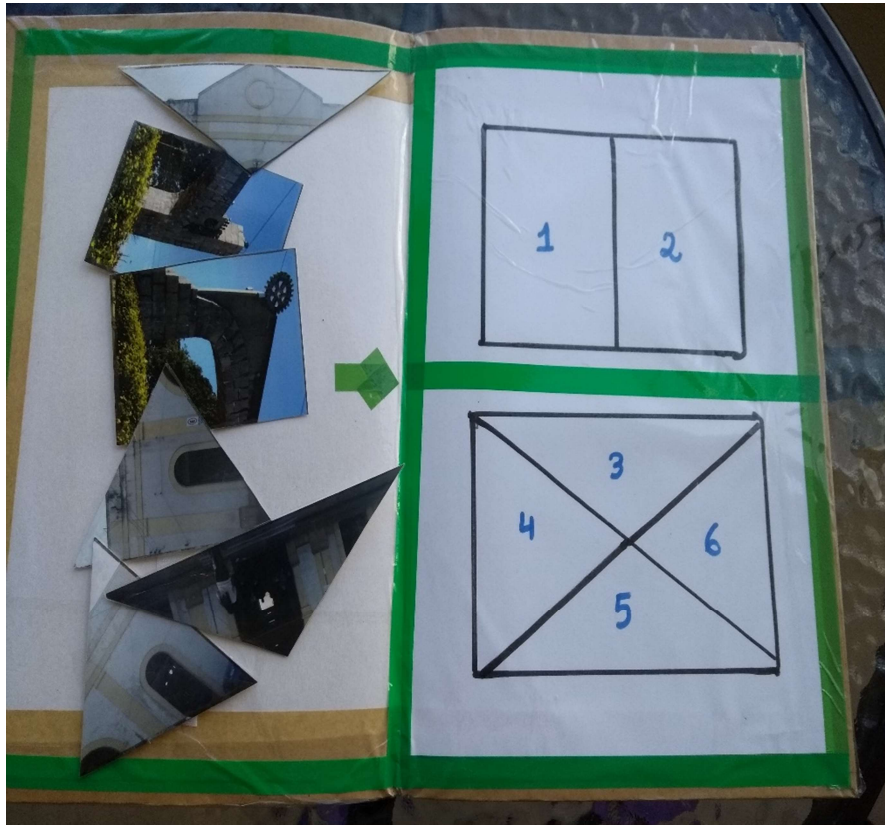
RIO GRANDE – 2017

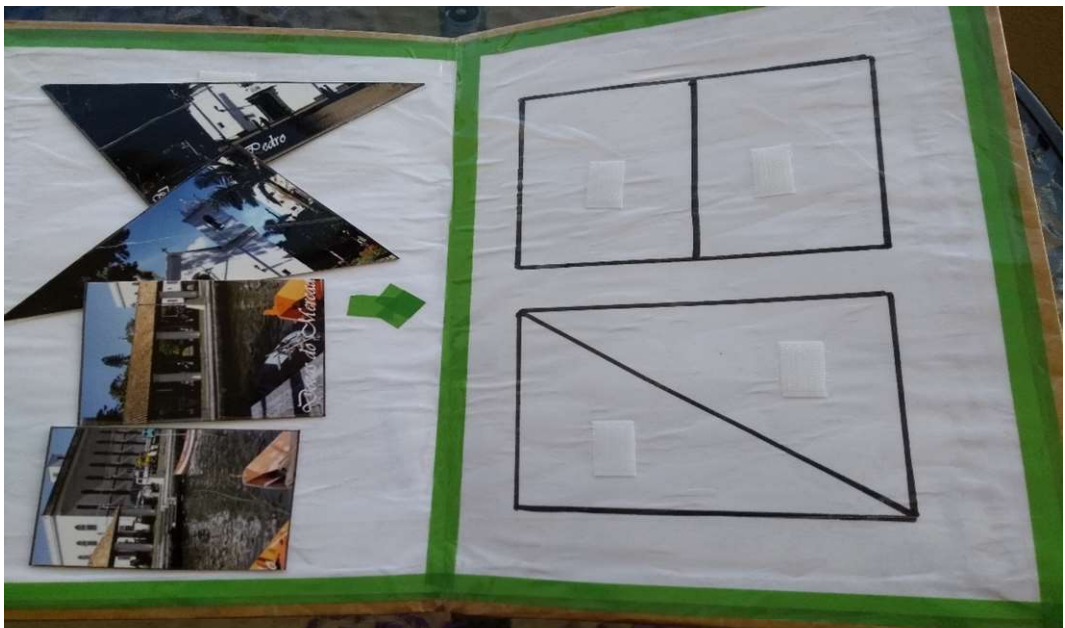
**CARTILHA EM BRAILLE (CAPA)**



## PASTAS COM AS ATIVIDADES

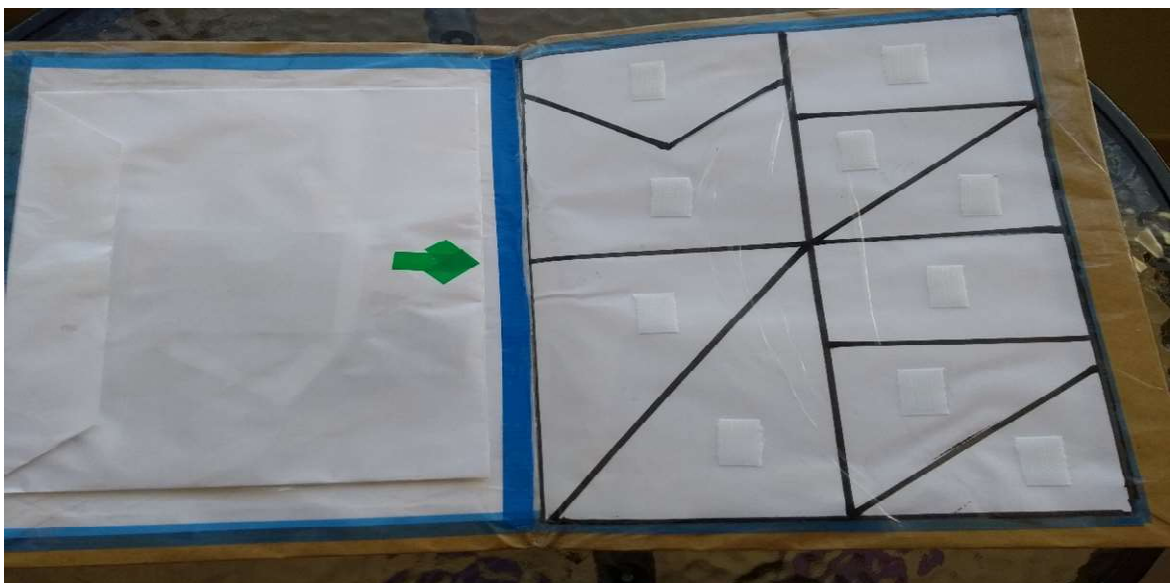
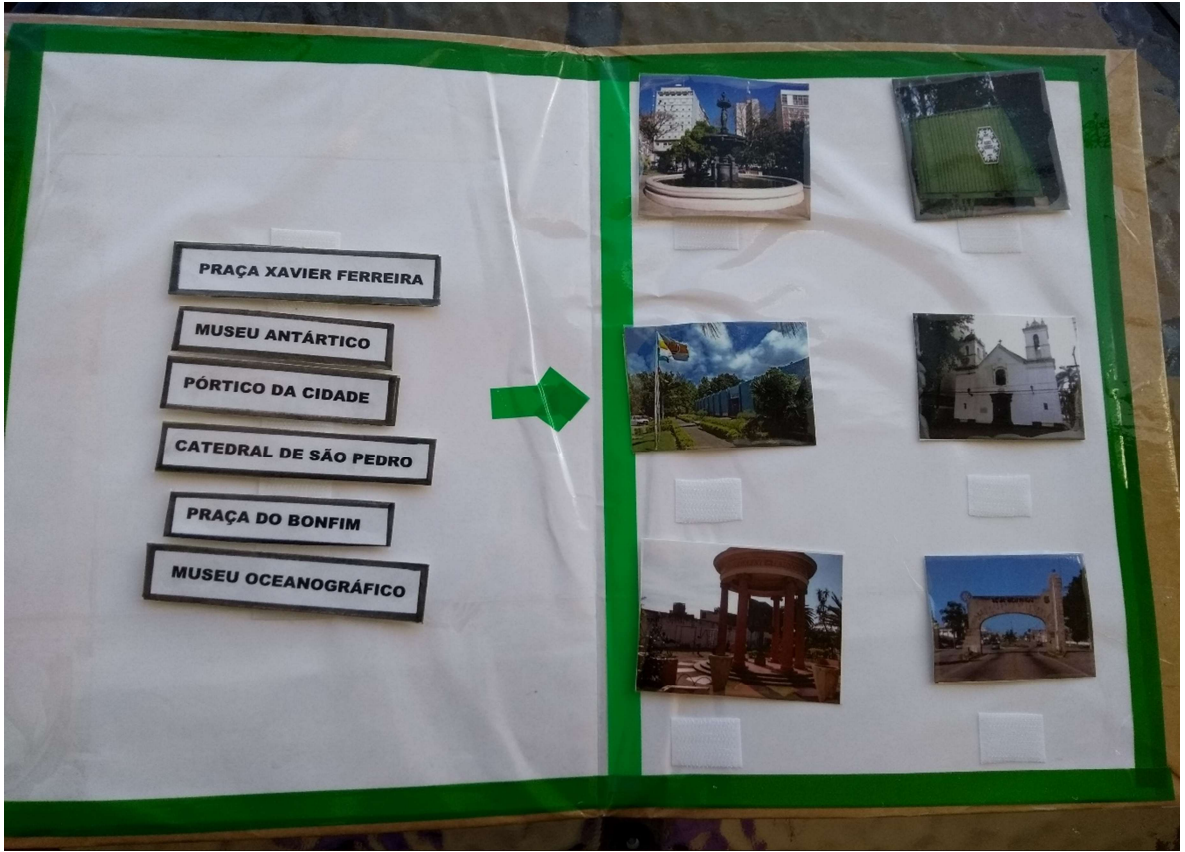












**CARTILHA**



# **ESPAÇOS QUE CONTAM A NOSSA HISTÓRIA: RIO GRANDE, CIDADE HISTÓRICA**

Dulce Beatriz Silva de Arvellos

RIO GRANDE – 2019

## SUMÁRIO

1 - PÓRTICO DA CIDADE.....	03
2- PRAÇA XAVIER FERREIRA.....	04
3- MONUMENTO BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES.....	05
4- MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL.....	06
5- ESPAÇO CULTURAL E HISTÓRICO DE RIO GRANDE.....	07
6- DOCAS DO MERCADO.....	10
7- PRAÇA TAMANDARÉ.....	11
8- CORETO DA PRAÇA TAMANDARÉ.....	12
9- PRAÇA SETE DE SETEMBRO.....	14
10-PRAÇA DO QUARTEL.....	16
11- PRAÇA MONTEVIDÉO.....	18
12- PRAÇA DO BONFIM.....	19
13- PRAÇA SARAIVA.....	21
14- BIBLIOTECA PÚBLICA.....	23
15- BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO.....	25
16- CANALETE.....	28
17- TEATRO MUNICIPAL.....	30
18- CATEDRAL DE SÃO PEDRO.....	32
19- LARGO DR. PIO.....	34
20- MUSEU OCEANOGRÁFICO.....	35
21- MUSEU ANTÁRTICO.....	37
22- MUSEU NÁUTICO.....	39
23- MUSEU DO PORTO.....	41
24- SHOPPING PRAÇA RIO GRANDE.....	43
25- PREFEITURA DO RIO GRANDE.....	45



## **PÓRTICO DA CIDADE**

O PÓRTICO DA CIDADE DO RIO GRANDE É UM MONUMENTO DA CIDADE. É MARCO DE ENTRADA DA CIDADE E DESEJA BOAS VINDAS E BOA VIAGEM PARA AQUELES QUE POR ALI PASSAM. FOI CONSTRUÍDO EM 1950 NO FORMATO DE UMA MÁQUINA DE COSTURA, REPRESENTANDO AS GRANDES INDUSTRIAS TÊXTEIS DE RIO GRANDE EM DÉCADAS PASSADAS.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes>



## **PRAÇA XAVIER FERREIRA**

NELA SE ENCONTRAM O CHAFARIZ DA CIA. HIDRÁULICA RIO-GRANDENSE, PROCEDENTE DA INGLATERRA, A COLUNA COMEMORATIVA À LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS, O MONUMENTO À MÃE, OS ARBUSTOS EM FORMA DE ANIMAIS E OBJETOS, A CARTA-TESTAMENTO DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS E O MONUMENTO AO BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES, FUNDADOR DA CIDADE.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes>

## **MONUMENTO BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES (NA PRAÇA XAVIER FERREIRA)**

BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES FOI O FUNDADOR DA CIDADE DO RIO GRANDE EM 19 DE FEVEREIRO DE 1737.

O MONUMENTO, LOCALIZADO NA PRAÇA XAVIER FERREIRA, NO CENTRO HISTÓRICO, OSTENTA UMA COLUNA DE PEDRA COM OITO METROS DE ALTURA, FRENTE DA QUAL SE VÊ A FIGURA DO BRIGADEIRO EM UNIFORME DE GALA. AO SEU LADO, UM GRUPO DE PERSONAGENS REPRESENTA OS CONSTRUTORES DA NOVA PÁTRIA: SOLDADOS, ESCRAVOS, ÍNDIOS E OBREIROS BRANCOS EM HOMENAGEM ÀS TRÊS RAÇAS QUE FORJARAM A GRANDEZA DO BRASIL.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>

### **COMPORTAMENTO ESPERADO NA PRAÇA:**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**





## MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DO RIO GRANDE

O PRÉDIO, EDIFICADO EM 1863, É UMA TÍPICA CONSTRUÇÃO LUSITANA, DE ARQUITETURA NEOCLÁSSICA. AO LONGO DOS ANOS SOFREU VÁRIAS INTERVENÇÕES. OCUPA UM QUARTEIRÃO INTEIRO. CONSIDERADO DE GRANDE IMPORTÂNCIA VISUAL, AMBIENTAL, ARQUITETÔNICA, SOCIAL E ECONÔMICA.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>

### COMPORTAMENTO ESPERADO NO MERCADO MUNICIPAL:







## **ESPAÇO CULTURAL E HISTÓRICO DE RIO GRANDE (IRMÃOS ESPÍNDOLA)**

AO ENTRAR NO CHALÉ 31 DO MERCADO PÚBLICO SOMOS INSERIDOS EM UM ESPAÇO COM OBRAS DE ARTE QUE NOS LEVAM AOS DIAS QUE VIVERAM NOSSOS ANTEPASSADOS A PARTIR DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO GRANDE. TUDO COMEÇOU QUANDO OS IRMÃOS JOSÉ CARLOS E URANO ESPÍNDOLA FIZERAM UMA PESQUISA NA OCASIÃO EM QUE RIO GRANDE VIVIA 250 ANOS DE HISTÓRIA. FOI A PARTIR DAÍ QUE SE INICIOU O PROJETO, CRIADO PARA CONTAR A HISTÓRIA DE RIO GRANDE. OS DOIS COMEÇARAM A FAZER MAQUETES, A PRIMEIRA DO FORTE JESUS MARIA JOSÉ FOI A QUE CULMINOU NA PRODUÇÃO DE OUTRAS TANTAS.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/noticias/detalhes+147b356,,espaco-cultural-e-historico-rio-grande-de-sao-pedro-foi-inaugurado-no-mercado-publico.html#.WeFIIWhSzIU>

AS MAQUETES SÃO RÉPLICAS DOS FORTES, SOLDADOS E OBJETOS QUE CONTEXTUALIZAM COM A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO, DESDE A OCUPAÇÃO PELOS PORTUGUESES EM 1737, À INVASÃO DOS ESPANHÓIS EM 1763 E A RETOMADA PELOS PORTUGUESES EM 1776. ALÉM DELAS, CANHÕES, ESPADAS E MINIATURAS DE SOLDADOS ESTÃO SENDO EXPOSTOS.

**COMPORTAMENTOS ESPERADOS NESTE LOCAL:**



**NÃO COMER**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**



## DOCAS DO MERCADO

AS DOCAS DO MERCADO, LOCALIZADAS NO CENTRO HISTÓRICO ESTÃO INTEGRADAS AO CAIS MUNICIPAL E TEM ESSE NOME POR SERVIR PRINCIPALMENTE AO MERCADO PÚBLICO. NELA ATRACAM OS BARCOS QUE VÊM DAS ILHAS DOS MARINHEIROS, DA TOROTAMA E DO LEONÍDIO COM PRODUTOS HORTIGRANJEIROS. JUNTO ÀS DOCAS ESTÁ CONSTRUÍDA A CHAMADA BANCA DO PEIXE.



Acervo da Autora.

### COMPORTAMENTO ESPERADO NESTE LOCAL:



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**





## **PRAÇA TAMANDARÉ**

A PRAÇA TAMANDARÉ É UM PATRIMÔNIO URBANO. É A MAIOR PRAÇA DA CIDADE E ESTÁ LOCALIZADA NO CENTRO DO RIO GRANDE. É UM ESPAÇO DE ALEGRIA E DIVERSÃO. CIRCULAM AO REDOR DESTA PRAÇA VÁRIOS ÔNIBUS. O MONUMENTO A BENTO GONÇALVES FICA LOCALIZADO NESTA PRAÇA. BENTO GONÇALVES FOI O PRINCIPAL CHEFE DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>

## CORETO DA PRAÇA TAMANDARÉ

É CONSIDERADA A MAIOR PRAÇA DO INTERIOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. NESTA PRAÇA DE RECANTOS DE GRANDE BELEZA, LAGOS E DIVERSAS PONTES, PODEMOS APRECIAR UM CHAFARIZ EM ESTILO INGLÊS E VÁRIAS OBRAS DE ARTE COMO A ESCULTURA DO JORNALEIRO E A IMAGEM DE JESUS NO LAGO, AMBAS DO ARTISTA RIO-GRANDINO ÉRICO GOBI; A ESCULTURA DA MULHER COM O JARRO, E DE NAPOLEÃO BONAPARTE.



Acervo da Autora.

**COMPORTAMENTO ESPERADO NESTE ESPAÇO:**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**



**PODEMOS BRINCAR**





## **PRAÇA SETE DE SETEMBRO**

NA PRAÇA SETE DE SETEMBRO ESTÁ A PEDRA FUNDAMENTAL DA CIDADE, ONDE SUPOSTAMENTE SE LOCALIZAVA O FORTE JESUS MARIA E JOSÉ. JUNTO A ESSA PRAÇA, CUJAS CALÇADAS SÃO PAVIMENTADAS COM MOSAICOS PORTUGUESES, TAMBÉM, PODE-SE CONHECER A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, EDIFICADA EM ESTILO NEOGÓTICO.

LOCALIZAÇÃO: RUA REPÚBLICA DO LÍBANO E AVENIDA SILVA PAES.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>

BARÃO DO RIO BRANCO FOI UM BRASILEIRO GRANDE CONQUISTADOR DA PAZ. UM MONUMENTO EM SUA HOMENAGEM ENCONTRA-SE NA PRAÇA SETE DE SETEMBRO, CENTRO HISTÓRICO.



NESTE LOCAL:



**PODEMOS BRINCAR**



**NÃO PODEMOS JOGAR LIXO NO CHÃO**

**NÃO DESTRUA  
A NATUREZA**





### PRAÇA GENERAL SAMPAIO: QUARTEL

LOCALIZADA NA FRENTE DO QUARTEL DO 6º GAC, ATUALMENTE ESTÁ COM UM NOVO NOME: PRAÇA DAS FORÇAS ARMADAS. FOI TOTALMENTE REMODELADA, COM BANCOS NOVOS; CALÇADA AO SEU REDOR, COM NOVOS LADRILHOS; PINTURA EM GERAL; RECUPERAÇÃO DO ENSAIBRAMENTO DA PISTA DE ESPORTES E MUITOS OUTROS MELHORAMENTOS, PROPICIANDO O LIVRE TRÂNSITO DE PESSOAS, ALÉM DE CONTAR COM UMA PISTA DE ATLETISMO.

O LOCAL FOI ENRIQUECIDO COM A COLOCAÇÃO DE UM A AVIÃO AT-26 XAVANTE, CEDIDO PELA AERONÁUTICA E UMA ÂNCORA SMITH CEDIDA PELA MARINHA QUE, JUNTAMENTE COM O CANHÃO VICKERS ARMSTRONG, JÁ EXISTENTE NA PRAÇA, FACILITARAM A ESCOLHA DO NOME, PRAÇA DAS FORÇAS ARMADAS.



Acervo da Autora.

**NESTE LOCAL:**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**

**NÃO DESTRUA  
A NATUREZA**



- **PODEMOS FAZER PIQUENIQUE**
- **PODEMOS REALIZAR CAMINHADAS OU CORRIDAS NA PISTA**
- **PODEMOS JOGAR BOLA**



## PRAÇA MONTEVIDÉO

PRAÇA MONTEVIDÉO: LOCALIZADA NAS RUAS 24 DE MAIO E JOÃO ALFREDO. PRÓXIMO Á PRAÇA DAS FORÇAS ARMADAS.



Acervo da Autora.

### NESTE ESPAÇO:



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**





## **PRAÇA DO BONFIM**

PRAÇA DO BONFIM: LOCALIZADA NAS RUAS DUQUE DE CAXIAS E JOÃO ALFREDO. ÓTIMO ESPAÇO PARA RECREAÇÃO E LAZER. NA FRENTE DA PRAÇA TEMOS A IGREJA DO BONFIM.



Acervo da Autora.

**NESTE LOCAL:**



**PODEMOS CORRER E BRINCAR NOS BRINQUEDOS**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**

**NÃO DESTRUA  
A NATUREZA**



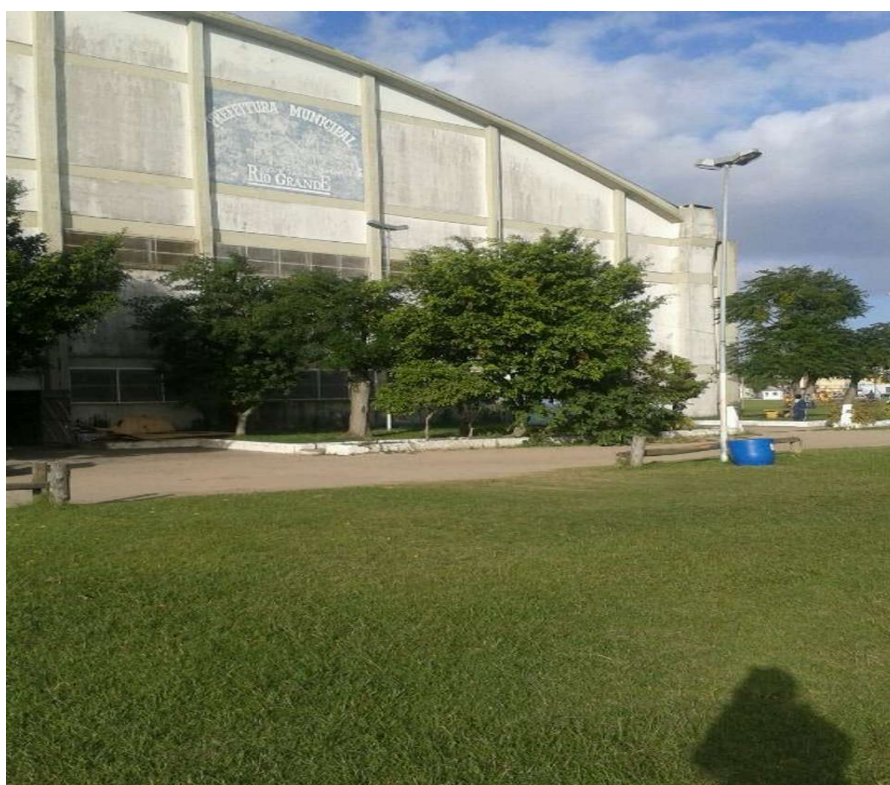
WWW.MEUBRABALHOPEDAGOGICOS.BLOGSPOT.COM





## **PRAÇA CONSELHEIRO SARAIVA**

PRAÇA CONSELHEIRO SARAIVA: LOCALIZADA NAS RUAS CRISTÓVÃO COLOMBO E TEIXEIRA JUNIOR. ESPAÇO PARA LAZER E DESCANSO NOS FINAIS DE SEMANA. POSSUI GINÁSIO ESPORTIVO (ATUALMENTE INTERDITADO), PRAÇA, PISTA ATLÉTICA E VELÓDROMO.



<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/galerias-de-fotos>

**O QUE PODEMOS FAZER NESTA PRAÇA:**



**PODEMOS BRINCAR**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**

**-PODEMOS FAZER PIQUENIQUE**

**-REALIZAR CAMINHADAS**

**-OS JOGOS ESPECIAIS ACONTECEM NESTE ESPAÇO**





## **BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

É UMA DAS MAIS ANTIGAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS DO RIO GRANDE DO SUL. SEU ACERVO É RIQUESSÍSSIMO, POSSUI MUITAS COLEÇÕES DE JORNAIS ANTIGOS, LIVROS E DOCUMENTOS. PODEMOS FAZER PESQUISAS E TRABALHOS NESTE LOCAL. É UM DOS PRÉDIOS MAIS ANTIGOS DA CIDADE. FICA AO LADO DO MERCADO PÚBLICO



Acervo da Autora.

**COMPORTAMENTOS ESPERADOS NESTE LOCAL:**



**PODEMOS LER LIVROS**



**NAO USAR O CELULAR**



**NÃO COMER OU BEBER**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**



## **BIBLIOTECA PÚBLICA MONTEIRO LOBATO**

ESTE ESPAÇO FICA DENTRO DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE E DESTINA-SE PARA PÚBLICO INFANTIL, OFERECENDO HORA DO CONTO PARA AS CRIANÇAS.



Acervo da Autora.

**O QUE PODEMOS FAZER NA BIBLIOTECA:**



**PODEMOS OUVIR HISTÓRIAS**



**PODEMOS LER HISTÓRIAS**



**O QUE NÃO DEVEMOS FAZER NA BIBLIOTECA:**



**NÃO USAR O CELULAR**



**NÃO COMER OU BEBER**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**

## CANALETE (AV. MAJOR CARLOS PINTO)



Acervo da Autora.

ESTE CANALETE CORTA A CIDADE DE UM LADO A OUTRO NO SENTIDO TRANSVERSAL. É BASTANTE FREQUENTADO PRINCIPALMENTE NOS FINAIS DE TARDE POR AQUELES QUE FAZEM DELE SEU PONTO DE ENCONTRO PARA CONVERSAR, CAMINHAR OU SIMPLEMENTE SENTAR EM UM DOS BANCOS DISTRIBUÍDOS POR TODA SUA EXTENSÃO.

**NESTE LOCAL PODEMOS:**

- REALIZAR CAMINHADAS

**NÃO DEVEMOS:**



**PROIBIDO TRÂNSITO  
DE BICICLETAS**



**NÃO DEVEMOS JOGAR LIXO NO CHÃO**





## TEATRO MUNICIPAL DE RIO GRANDE

O TEATRO MUNICIPAL PROMOVE EVENTOS CULTURAIS PARA O PÚBLICO DA CIDADE DO RIO GRANDE. FOI REFORMADO RECENTEMENTE.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>



**COMPORTAMENTOS ADEQUADOS PARA FREQUENTAR O  
TEATRO DURANTE UM ESPETÁCULO:**



**NÃO USAR O CELULAR**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**



**NÃO COMER OU BEBER**





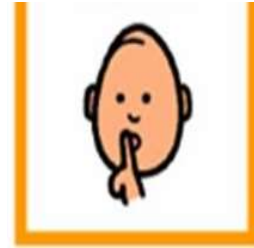
## CATEDRAL DE SÃO PEDRO

A CATEDRAL DE SÃO PEDRO É UM PATRIMÔNIO RELIGIOSO. É A MAIS ANTIGA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. FOI FUNDADA EM 1754 E SEU NOME É O MESMO DO PADROEIRO DA CIDADE DE RIO GRANDE. É UM LOCAL DE ORAÇÃO E FÉ. EM 1997 SEU PRÉDIO FOI TOTALMENTE RESTAURADO.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>

**COMPORTAMENTOS ADEQUADOS PARA  
PERMANECER NESTE LOCAL:**



**FALAR BAIXO**



**NÃO COMER OU BEBER**



**EVITAR USO DO CELULAR**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**



## **LARGO DR. PIO: GENERAL BACELAR**

BEM EM FRENTE A CATEDRAL DE SÃO PEDRO. NA FOTO AINDA APARECE O EUCALIPTO CENTENÁRIO, QUE AGORA JÁ NÃO TEMOS MAIS, POIS FOI CORTADO POR OFERECER RISCOS À POPULAÇÃO.



FONTE: <https://pt.foursquare.com/v/largo-dr-pio/4efb6a06c512f2277c1f5ce4>

### **CONDUTA ADEQUADA NESTE LOCAL:**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**





## MUSEU OCEANOGRÁFICO

O MUSEU OCEANOGRÁFICO PROF. ELIEZER DE CARVALHO RIOS ESTÁ LOCALIZADO NA CIDADE DE RIO GRANDE. FOI INAUGURADO NO DIA 8 DE SETEMBRO DE 1953. PERTENCE À FURG: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE.

MANTÉM UMA EXPOSIÇÃO PÚBLICA SOBRE A VIDA E A DINÂMICA DO ECOSISTEMA MARINHO E SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE, APRESENTADA EM PAINÉIS, MAQUETES E DIVERSOS EQUIPAMENTOS UTILIZADOS EM PESQUISAS OCEANOGRÁFICAS.

ESTE MUSEU É UM PATRIMÔNIO DA CIDADE QUE AJUDA NA RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS MARINHOS. TEM UMA COLEÇÃO DE PEIXES E CONCHAS. TEM TAMBÉM UM PEIXE QUE USA ÓCULOS EM SUA COLEÇÃO.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>



**DURANTE A VISITA AO MUSEU:**



NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO





## MUSEU ANTÁRTICO

O MUSEU ANTÁRTICO FOI INAUGURADO NO DIA 7 DE JANEIRO DE 1997 E SUA EXPOSIÇÃO MOSTRA UM POUCO DA VIDA NO CONTINENTE GELADO E A PRESENÇA DO BRASIL NA ANTÁRTICA. ANEXO AO MUSEU OCEANOGRÁFICO, O PRÉDIO DO MUSEU ANTÁRTICO É UMA REPRODUÇÃO DAS PRIMEIRAS INSTALAÇÕES DA ESTAÇÃO ANTÁRTICA “COMANDANTE FERRAZ”.

O ACERVO DO MUSEU ANTÁRTICO CONTA COM DIVERSOS PAINÉIS, COM TEXTOS E FOTOS QUE DETALHAM A HISTÓRIA DA CONQUISTA DAQUELE CONTINENTE, A DINÂMICA DOS MARES E DA VIDA NO PÓLO SUL E O ESFORÇO BRASILEIRO EM MANTER UMA BASE EM AMBIENTE TÃO INÓSPITO. TAMBÉM FAZEM PARTE DA EXPOSIÇÃO ALGUNS OBJETOS UTILIZADOS PELOS BRASILEIROS E AMOSTRAS GEOLÓGICAS E BIOLÓGICAS DA ANTÁRTICA.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>

**COMPORTAMENTOS ADEQUADOS PARA FREQUENTAR O MUSEU:**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**







## MUSEU NÁUTICO

O MUSEU NÁUTICO ESTÁ INSTALADO NO ARMAZÉM 4 DO PORTO VELHO, JUNTO AO CENTRO HISTÓRICO. FOI INAUGURADO NO DIA 9 DE ABRIL DE 2003.

O MUSEU NÁUTICO TEM POR FINALIDADE RESGATAR, PRESERVAR E DIVULGAR A CULTURA E O CONHECIMENTO NÁUTICO LOCAL, VALORIZAR O TRABALHO HUMANO VINCULADO À ATIVIDADE NÁUTICA E DIGNIFICAR AQUELES QUE VIVEM DO MAR.

O ACERVO DO MUSEU DISPÕE DE EMBARCAÇÕES, EQUIPAMENTOS DE NAVEGAÇÃO, PESCA E SINALIZAÇÃO NÁUTICA, MAPAS E MAQUETES DE ACORDO COM OS MODERNOS PRINCÍPIOS DA MUSEOLOGIA.



<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+16b2e,,museu-nautico.html>

**COMPORTAMENTOS ADEQUADOS PARA FREQUENTAR O MUSEU:**



**NÃO COMER OU BEBER**



**NÃO CORRER**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**



## MUSEU DO PORTO

NESTE MUSEU PODE SER APRECIADA A EVOLUÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DE NAVEGAÇÃO E DE TRANSPORTE DE MERCADORIAS OU AINDA OS EQUIPAMENTOS USADOS EM FUNÇÕES PARALELAS ÀS ATIVIDADES DO MAIOR COMPLEXO PORTUÁRIO DO ESTADO: O PORTO DE RIO GRANDE. ENCONTRAM-SE A PRIMEIRA LOCOMOTIVA DO DEPREC (DEPARTAMENTO DE PORTOS, RIOS E CANAIS) E O VAGÃO-LEITO USADO PELOS TÉCNICOS E ENGENHEIROS DA COMPAGNIE FRANÇAISE DU PORT RIO GRANDE DO SUL, PARA FISCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE CONSTRUÇÃO DOS MOLHES DA BARRA E DO PORTO, NO INÍCIO DO SÉCULO XX. EXISTEM AINDA FOTOS, MAPAS, JORNAIS, CARTAS NÁUTICAS, LIVROS-REGISTRO DO PORTO, MEMORIAIS DESCRITIVOS DE OBRAS E EQUIPAMENTOS DE NAVEGAÇÃO.



<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+7953,,museu-do-porto.html>

**COMPORTAMENTOS ADEQUADOS PARA FREQUENTAR O MUSEU:**



**NÃO COMER OU BEBER**



**NÃO CORRER**



**NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO**

## SHOPPING PRAÇA RIO GRANDE

O PRAÇA RIO GRANDE SHOPPING CENTER É O PRIMEIRO SHOPPING DA CIDADE. COM MIX COMPLETO DE COMPRAS, GRANDES MARCAS, ENTRETENIMENTO, PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO, RESTAURANTES, CENTRO DE LAZER E COMPLEXO DE CINEMA, FOI INAUGURADO EM ABRIL DE 2014.

A ARQUITETURA, PARA CONDIZER COM UM DOS PRINCIPAIS ATRIBUTOS DA CIDADE, TEM TEMÁTICA PORTUÁRIA. AO COMPLEXO, FOI INCORPORADA A ESCOLA MUNICIPAL DE BELAS ARTES HEITOR DE LEMOS (EBAHL), CENTRO CULTURAL ATIVO EM RIO GRANDE HÁ 92 ANOS.



FONTE:<https://pt.foursquare.com/v/pr%C3%A7a-rio-grande-shopping/503b274ae4b0fc4e9fc39626>

## NORMAS PARA FREQUENTAR O SHOPPING:

### Prezados Clientes

Para proporcionar um ambiente de conforto e bem estar a todos os seus clientes, o Praça Rio Grande Shopping, adota normas e procedimentos, conforme o Código de Conduta abaixo:

É obrigatório utilizar vestimenta e calçado apropriado para frequentar o shopping.



O ambiente está sendo filmado. As imagens são confidenciais e protegidas nos termos da lei.



Não é permitido correr, escalar ou arremessar objetos no shopping.



Não é permitido a distribuição de folhetos sem prévia autorização da administração.



Não é permitido andar de patins, patinete, skate, bicicleta ou similares no shopping.



Não é permitido sentar em locais que não sejam para essa finalidade, apoiando os pés ou o corpo em locais inesperados.



Não é permitida a atividade de vendedores ambulantes no shopping, tanto nas áreas comuns como nas áreas privativas das lojas, seja para venda ou para entrega de mercadorias.



Não é permitido fumar no mall conforme lei estadual.



É proibido a circulação de cães de médio e grande porte dentro do shopping. Só será permitida a entrada de cães de médio e grande porte com destino ao Pet Shop, portanto é obrigatório a utilização de coleira, guia curta de condução e focinheira.



Não é permitido consumir e circular bebida alcólica fora das áreas de alimentação. Não é permitido a venda de bebidas alcólicas a menores lei federal 8069/1990.



Grupos com mais de quatro pessoas podem ser solicitados a se dispersarem em grupos menores.



Não é permitido o uso de capacetes de motociclista, capuz ou outra cobertura que encubra o rosto dentro de lojas e corredores do shopping.



Não é permitido tocar música alta em aparelhos de som ou instrumentos musicais.



A violação desse Código de Conduta poderá acarretar a restrição de acesso ou permanência de qualquer pessoa em nossas dependências.





## PREFEITURA DO RIO GRANDE – RS

O PRÉDIO CONSTRUÍDO INICIALMENTE EM ESTILO COLONIAL, PERTENCEU AO COMENDADOR ANTÔNIO DA SILVIA FERREIRA TIGRE. NO INÍCIO DO SÉCULO XX, RECEBEU UM TRATAMENTO NEO-CLÁSSICO, E PASSOU A ABRIGAR A INTENDÊNCIA MUNICIPAL. A EDIFICAÇÃO ERIGIDA NO CENTRO DA CIDADE DO RIO GRANDE, MANTÉM ATÉ OS DIAS DE HOJE, OS DETALHES DO ESTILO NEO-CLÁSSICO, IDENTIFICANDO O PODER MUNICIPAL DA CIDADE.



Fonte: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>

### NESTE LOCAL:



## CARTA DE APRESENTAÇÃO

09/08/2017

Chave de Autenticidade: 9995.98B0.F434.FF1F

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA - PROEXC**  
 Av. Itália, Km 8 - Bairro Carreiros - Rio Grande - RS - CEP: 96.203-900  
 Fone: (53)3233.6984 / (53)3233.6931 E-mail: proexc@furg.br

Av. Itália, km 8 - Bairro Carreiros - Rio Grande - RS - CEP: 96.203-900  
 Fone: (53)3233.6984 / (53) 3233.6931 Home: <http://www.proexc.furg.br>  
 E-mail: proexc@furg.br

Ofício Nº 14/2017 - PROEXC

Rio Grande, 09 de agosto de 2017

**À SenhorA**  
**Bernadete Marin**  
**Diretora da Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi.**

Prezada diretora,

A Universidade Federal do Rio Grande- FURG vem por meio deste solicitar uma autorização para a aluna Dulce Beatriz Silva de Arvellos, matrícula 120634, realizar atividades voltadas para a inserção dos alunos da Escola Maria Lucia Luzzardi junto à espaços culturais, realizando passeios/saídas de campo em museus, praças e outros que despertem o sentido de História, Memória, Pertencimento, registrando por meio de fotos a interação e percepção junto aos lugares visitados.

O mestrado profissional em História é voltado para a construção e proposição de políticas públicas em sala de aula, por isso a importância da realização destas atividades. Reforçamos a necessidades dessa interlocução, pois o Mestrado Profissional em História da FURG vem se estabelecendo em rede com as diversas escolas sediadas nas cidades de abrangência da Universidade, com o propósito de estabelecer parcerias, trocas de experiências e contribuições mútuas para a elaboração de estratégias, ferramentas e metodologias concretas que reverberem positivamente nas unidades escolares bem como nos ambientes de educação não- formal.

Aproveitamos da mesma forma para colocar a PROEXC à disposição da Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi.

Atenciosamente  
 Daniel Prado  
 Orientador da Pesquisa

*[Assinatura]*

**Prof. Dr. Daniel Porciuncula Prado**  
**Pró-Reitor de Extensão e Cultura**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

*[Assinatura]*  
**Prof. Dr. Daniel Porciuncula Prado**  
 Pró-Reitor de Extensão e Cultura



### **AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM**

Na qualidade de responsável pelo(a) menor abaixo qualificado(a), matriculado(a) na Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi, autorizo o uso de imagem do(a) mesmo(a) através de fotografias e slides, bem como todo e qualquer trabalho por ele(a) realizado, para divulgação das atividades escolares na Universidade Federal do Rio Grande, no Programa de pós-graduação em História (PPGH) Mestrado Profissional em História, Pesquisa e Vivências de ensino-aprendizagem, estando ciente desde já, que não caberá em tempo algum, qualquer reclamação, indenização ou pagamento de qualquer valor pelo uso de sua imagem, sendo a presente autorização feita de modo gratuito .

NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL

\_\_\_\_\_

CPF DO RESPONSÁVEL \_\_\_\_\_

Nº DE IDENTIDADE DO RESPONSÁVEL \_\_\_\_\_

NOME COMPLETO DO(A) ALUNO(A)

\_\_\_\_\_

DATA DE NASCIMENTO DO(A) ALUNO(A) \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

\_\_\_\_\_

RIO GRANDE, \_\_\_\_\_ DE AGOSTO DE 2019.